

jânia martins\_ramos

HIPÓTESES PARA UMA  
TAXONOMIA DAS  
REPETIÇÕES NO ESTILO FALADO

belo horizonte

1983

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

HIPÓTESES PARA UMA TAXONOMIA DAS  
REPETIÇÕES NO ESTILO FALADO

Jânia Martins Ramos

Dissertação apresentada à Faculdade  
de Letras da Universidade Federal  
de Minas Gerais, como parte dos re-  
quisitos para obtenção do grau de  
Mestre em Linguística.

- Belo Horizonte -

1983

Para Meus Pais

### Agradeço

- . ao Prof. Dr. Mário Alberto Perini pela dedicada orientação;
- . ao Prof. Milton do Nascimento, com quem iniciei os estudos lingüísticos e em quem encontrei incentivo e amizade;
- . à Vera Lúcia Salles Ferreira, que colaborou comigo no levantamento dos dados nesta pesquisa;
- . à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me concedeu bolsa de estudos, para que eu realizasse esse trabalho;
- . ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, que financiou o projeto de pesquisa do qual essa dissertação faz parte;
- . ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, pela ajuda com material para a reprodução desse trabalho.

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída dos Senhores:

Ilmo. A. Oliveira

Ilmo. A. Almeida

Orientador:

Mário A. Perini

Prof. Mário Alberto Perini, Ph.D.

Faculdade de Letras da U.F.M.G.

Belo Horizonte,

de

de 1983.

## RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de classificar funcionalmente as ocorrências de repetição que ocorrem na fala coloquial espontânea. Investigou-se o modo como a repetição atua no sentido de facilitar a comunicação. Pôde-se desse modo definir duas classes : por um lado, as repetições que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar as seqüências que ouve, e, por outro lado, as repetições que não contribuem para esse fim.

Formulou-se um conjunto de hipóteses acerca do modo pelo qual a repetição opera e o tipo de tarefa que realiza, a partir da análise do corpus examinado - cento e trinta minutos de conversa gravada. Seria oportuno ressaltar que a verificação das tarefas realizadas pelas repetições, assim como a avaliação da contribuição dos diversos subtipos na facilitação do processamento das seqüências, é trabalho que requer testagem. A formulação de testes e a aplicação são atividades cuja realização extrapolam os limites do presente estudo.

Levando-se em conta o processo de decodificação das seqüências, que inclui o fatiamento da informação de modo a permitir o trabalho da memória de curto termo, e a articulação dos segmentos do discurso de modo a facilitar a tarefa de estabelecer "amarrações" entre as seqüências que constituem o texto, foram identificadas oito classes (ou subtipos) de repetição. Foram detectadas 593 ocorrências, sendo 66 não classificadas (resíduo). O levantamento numérico e estatístico por tipo e subtipo em cada entrevista a-

parece nas tabelas 1-4 (no Apêndice).

O estudo da função comunicacional das repetições é certamente apenas uma etapa inicial na descrição dos recursos utilizados para estruturar o texto falado. A identificação destes recursos pode contribuir na busca de solução de problemas relativos ao ensino da redação e da leitura. A aplicação na escrita de recursos que são adequados na fala pode ser responsável por erros de redação. De modo análogo, o estudo dos fatores que trazem dificuldade na decodificação de textos pode certamente servir de ponto de partida para a identificação de fatores que trazem dificuldade na leitura.

## ÍNDICE

	<u>Página</u>
INTRODUÇÃO	1
I - REPETIÇÕES NOS ESTILOS FALADO E ESCRITO	
1. Estilo Falado e Estilo Escrito	3
2. Repetições no Inglês Britânico	7
2.1. Classificação Funcional	8
3. Repetições no Sueco Falado por Imigrantes	16
3.1. Classificação Formal e Semântica	17
3.2. Classificação Segundo as Razões das Ocorrências	18
3.3. Critérios de Análise	21
3.4. Interpretação dos Dados: Critérios de Análise	23
4. Repetições no Português	27
4.1. Interpretação Funcional nos Enunciados Falados	27
4.2. Critérios de Análise	31
4.2.1. "Inserção"	32
4.2.2. "Contigüidade"	34
4.2.3. "Canonicidade"	36
4.2.4. Conclusão	38
5. Repetições no Fenômeno de Hesitação no Inglês Americano	41
5.1. Tipos de Hesitação	41
5.2. "False Starts"	42
5.3. O Papel da Hesitação no Discurso	45

	<u>Página</u>
1.1.3. Repetição Distribuidora	85
1.1.3.1. Realização do Segmento Repetido	85
1.1.3.2. O Papel da Repetição	88
1.1.3.3. Repetição Distribuidora e Repetição Reconstituidora I	92
1.1.3.4. Sumário	94
1.1.4. Repetição Reforço	96
1.1.4.1. O Papel da Repetição	97
1.1.4.2. Realização do Segmento Repetido	98
1.1.4.3. Reduplicação do <u>Não</u>	100
1.1.4.4. Repetição Reforço e Repetição Distribuidora	101
1.1.4.5. Sumário	102
1.2. Repetições que Atuam no Nível do Discurso	103
1.2.1. Repetição Síntese	103
1.2.1.1. O Papel da Repetição	106
1.2.1.2. Repetição Síntese e Repetição Reforço	103
1.2.1.3. Sumário	109
1.2.2. Repetição Atualizadora de Cena	110
1.2.2.1. O Papel da Repetição	112
1.2.2.2. Repetição Atualizadora de Cena e Repetição Síntese	115
1.2.2.3. Repetição Atualizadora de Cena e Repetição Reconstituidora I	116
1.2.2.4. Sumário	117
2. Repetições que não Contribuem para Facilitar a Tarefa do Ouvinte	118

	<u>Página</u>
2.1. Repetição de Hesitação	118
2.1.1. Realização do Segmento Repetido	118
2.1.2. Sumário	120
2.2. Repetição Intensificadora	121
2.2.1. O Segmento Repetido	121
2.2.2. Repetição Intensificadora e Repetição Reforço	123
2.2.3. Sumário	124
CONCLUSÃO	126
APÊNDICE	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma tentativa de descrição da repetição no estilo falado. Um de seus objetivos é mostrar que a ocorrência de repetições não pode ser considerada irregular ou aleatória, pois as repetições colocam-se em um pequeno número de classes que se definem funcionalmente, isto é, a partir do papel que desempenham no processo de interação discursiva.

No Capítulo I são resenhados trabalhos que descrevem funcionalmente as repetições presentes no discurso de falantes do inglês, do português e do sueco, sendo esses últimos imigrantes aprendizes de sueco. Procurou-se explicitar as características comuns que as repetições apresentam nas diferentes línguas, com o objetivo de mostrar que as tarefas desempenhadas decorrem de exigências do próprio processo de interação lingüística e que, por isso mesmo, independem, até certo ponto, da língua em que se realizam .

No Capítulo II tem-se uma descrição das ocorrências de repetições de um "corpus" formado de cento e trinta minutos de fala coloquial espontânea. Inicialmente define-se o que contar como repetição, em seguida as ocorrências são agrupadas, levando-se em conta sua função comunicativa, isto é, se a repetição contribui para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar enunciados e, se contribui, de que modo ela o faz. Uma vez caracterizadas funcional e formalmente, as repetições são agrupadas em duas grandes classes, sendo a primeira composta de seis subclasses e a segunda de duas . Na primeira classe encontram-se as repetições que contribuem para

facilitar a tarefa do ouvinte, podendo atuar em dois níveis: ou da sentença ou do "parágrafo". No primeiro caso, a repetição torna a seqüência mais acessível a estratégias sintáticas de processamento, não sobrecarregando assim a memória de curto termo. Já no nível do "parágrafo", a repetição tem a função de minimizar falhas de atenção através de aumento da redundância, e reconstituição de segmentos discursivos relativos ao mesmo assunto. Na segunda classe estão as ocorrências que não contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte; são as que manifestam hesitação do falante ou servem para intensificar aspectos semânticos do item repetido. O levantamento numérico e estatístico das ocorrências por classe e subclasse em cada entrevista aparece no apêndice, nas tabelas 1-4.

No Capítulo III cada uma das classes e subclasses é definida com base na função comunicativa, buscando-se também uma caracterização formal. Após a descrição de cada uma, estabelece-se um paralelo entre as que apresentam maior afinidade, com o propósito de explicitar o conjunto de traços que as distingue. Finalmente, são apontadas algumas aplicações ao ensino de redação e leitura, e são mencionados problemas relativos ao fenômeno da repetição que poderiam ser objeto de pesquisa imediata.

## I. REPETIÇÕES NOS ESTILOS FALADO E ESCRITO

### 1. ESTILO FALADO E ESTILO ESCRITO

O termo texto se refere a qualquer passagem falada ou escrita, em prosa ou verso, formada de diálogos ou monólogos. O que distingue um texto de um conjunto de palavras reunido ao acaso é que apenas o primeiro é reconhecido como uma unidade de significado (Halliday & Hasan, 1976:5). É com base nesta conceituação que vou usar os termos texto falado e texto escrito.

Tendo sido gravados um trecho de conversa e uma seqüência de leitura em voz alta de uma página de livro, qualquer falante é capaz de identificar, a partir da simples audição da fita, a modalidade original do texto gravado. Isto significa que outros traços, além do meio de veiculação da informação - sons vocais ou sinais gráficos - distinguem textos falados de textos escritos. Que traços funcionam como pistas, informando ao ouvinte a modalidade do texto? Como descrever as diferenças entre textos falados e textos escritos?

Rubin (1977) descreve diferenças em três dimensões:

(a) quanto à natureza:

Enquanto o texto falado fornece informação auditiva, é temporário e dispõe de traços prosódicos para auxiliar a compreensão, o texto escrito fornece informação visual, é permanente e não dispõe de traços prosódicos para realizar a mesma tarefa.

(b) quanto ao uso:

O uso de um ou outro texto depende do tipo de informação a

ser comunicado. O texto escrito tende a ser menos dependente do contexto. O texto falado, por outro lado, é passível de adaptação ao receptor a qualquer momento porque dispõe de recursos que só a comunicação face a face pode oferecer.

(c) quanto à linguagem:

A escrita contém maior variação lexical, embora seja menos redundante que a fala. As seqüências escritas tendem a apresentar estruturas sintáticas mais complexas (maior número de orações subordinadas e coordenadas). Certos tipos mais complexos de estruturas discursivas parecem ser mais naturais na escrita que na fala.

Perini (1980) faz também um estudo contrastivo entre textos falados e escritos, estabelecendo também três categorias, embora de marcando-as de modo distinto: (a) diferenças quanto ao meio utilizado para veicular as informações (sons vocais ou sinais gráficos) ; (b) diferenças dialetais e (c) diferenças de estilo.

Para ilustrar essa classificação, vejamos um fragmento de texto onde estão presentes traços referentes às duas últimas categorias.

*"os merinos de quinta série/quinta série 'cê começa a ter muito professor/'cê acha incrível ter um horário vago/nê// num tem nada a ver//agora assim sétima e oitava é a maior chatura 'cê tem que ficar dentro da sala/sabe" (E7,P2) (1)*

A forma 'cê não aparece em textos escritos e por razões semelhantes não encontramos também num por não, nê por não é. Em um texto escrito o item lexical chatura seria preterido em favor de chatice,

---

(1) Ver no Apêndice o significado das convenções utilizadas nas transcrições.

uma vez que este aparece nos dicionários. Estas alterações são de ordem "dialetal". A escolha entre as formas presentes no texto falado e as preferidas na escrita é arbitrária, resulta de simples convenções. A ocorrência das formas "proibidas" não afetaria a inteligibilidade do texto.

Já a ocorrência do item assim reflete um traço de "estilo". Pertencem também a esta categoria traços como: a estruturação do período de preferência em tópico e comentário, quinta série 'cê começa a ter muito professor; períodos inacabados, como os meninos de quinta série; o uso de itens que manifestam interação entre os interlocutores, como nê, sabe. As diferenças de estilo constituem um conjunto de traços capaz de informar sobre as restrições impostas por fatores situacionais à efetivação da comunicação e também sobre os recursos de que o falante faz uso para minimizar os efeitos destes fatores.

Nos dois trabalhos acima mencionados é central a preocupação com as adaptações da fala à ação de fatores extralingüísticos (como a limitação de memória, levando em conta a temporalidade dos enunciados falados) e às vantagens que a comunicação face a face oferece, como observar as reações do ouvinte, etc. O delineamento dos traços que definem textos falados e textos escritos é feito de modo distinto, conforme comentaremos a seguir.

Rubin apresenta as diferenças de uso como uma categoria independente das diferenças lingüísticas. Perini desmembra esta última categoria em duas: diferenças dialetais e diferenças de estilo. As de estilo podem ser associadas, grosso modo, às variações na estruturação do discurso. As diferenças de uso não aparecem explicitamente na classificação de Perini, embora funcionem como fator determinante na discriminação dos traços referentes ao estilo.

A finalidade da descrição das diferenças entre textos falados e escritos nos dois trabalhos é contribuir para a identificação de fatores que, na escrita, representam dificuldade para o leitor iniciante. Segundo Rubin, as diferenças de vocabulário, de sintaxe e de estruturação do discurso requerem igual ênfase no treinamento do leitor iniciante; já Perini dá prioridade a uma delas, a estruturação do discurso (i.e. as diferenças de estilo).

### Repetições no Estilo Falado

*"As diferenças de estilo não têm sido estudadas pelos especialistas em lingüística aplicada e a maioria dos professores de língua materna nem sequer sabe de sua existência."*

(Perini, 1980: 112)

A descrição do conjunto de traços que constitui as diferenças de estilo é ainda um estudo a ser feito. Meu interesse aqui é investigar um dos traços que contribuem para a caracterização de textos falados: o fenômeno da repetição. Pretendo descrever os tipos de repetição encontrados em um corpus formado de gravações de entrevistas, realizadas em situações informais, podendo ser consideradas típicas de fala espontânea.

A primeira etapa de meu trabalho consistiu na definição do que contar como repetição; a segunda, no levantamento das ocorrências; a terceira, na classificação, tomando por base a função comunicativa desempenhada pela repetição no discurso; e a quarta, na estatística das ocorrências por tipo em cada entrevista.

Dentro da linha geral do presente estudo, já foram realizados trabalhos utilizando dados do inglês britânico contemporâneo (

persson, 1974), do sueco falado por imigrantes (Kotsinas, 1980) e do português (Perini, 1980). Embora haja variação quanto aos critérios adotados para classificar as ocorrências de repetição e quanto aos objetivos de cada trabalho, há um conjunto de ocorrências comum a todos. Tal fato parece confirmar minha hipótese de trabalho que atribui ao fenômeno da repetição uma função comunicativa, cujo propósito é tornar o enunciado mais acessível, mais fácil para o ouvinte. A presença de repetições não estaria relacionada a nenhuma língua especificamente, mas ao processo de interação linguística propriamente dito.

## 2. REPETIÇÕES NO INGLÊS BRITÂNICO

Persson (1974) estuda as ocorrências de repetições contíguas em um "corpus" formado de textos falados e escritos, em inglês britânico. Seu propósito principal é estabelecer uma classificação das repetições e ainda examinar a distribuição dos tipos nos estilos considerados: estilo conversacional (CS - representação da fala em obras de ficção, conto ou drama), estilo ficcional (FS - estilo usado em romances, exceto aquele referente à fala), estilo não ficcional (NFS - estilo usado em prosa normal e em jornais) e estilo falado (SS).

A classificação visa a estabelecer categorias a partir do tipo de efeito emotivo dispensado ao item repetido. A distinção entre as categorias não apresenta diferenças absolutas, é apenas de grau.

## 2.1. Classificação Funcional

### 1. "Intensifying repetition"

Intensifica o efeito de certas palavras.

[ 1 ] .a long, long time. (1)

### 2. "Emphatic repetition"

Atribui força enfática, emotiva, assertiva, exclamativa, exortativa, insistente, urgente ou contrastiva ao item repetido.

[ 2 ] We had a fight. A fight.

### 3. "Conjoined repetition"

Indica prolongamento, continuação ou repetição de processo ou contínuo aumento de grau.

[ 3 ] Hours and hours went by.

### 4. "Mimetic repetition"

Designa representações lingüísticas de fenômeno repetitivos como sons, movimentos, ações recorrentes, eventos, etc.

[ 4 ] Dad: ... bong-bong-bong go the gongs.

### 5. "Simple repetition"

Marca limite de enunciados, não tem qualquer força enfática.

[ 5 ] Meg: He hasn't mentioned it.

Goldberg: Well, well, well. Tell me. Are you going to  
have a party?

---

(1) Os exemplos são de Persson com numeração e grifo meus. Nestes casos coloco os números entre colchetes.

6. "purposive repetition"

Usadas com propósitos específicos: chamar a atenção do ouvinte ou obter maior clareza.

[ 6 ] Announcer: The time is twenty hours. The time is twenty hours.

Finalmente o autor apresenta o levantamento estatístico das seis categorias nos quatro tipos de estilo. Para o cálculo da porcentagem de cada categoria analisada, não foram computadas as repetições nos textos falados. Afirma o autor ter sido este material bem menor que os outros e por isso não ter sido comparado estatisticamente com os demais. As porcentagens da Tabela I se referem , portanto, apenas ao levantamento em textos escritos.

TABELA I

ESTILO Categoria	Falado	Conversa cional	Ficcio nal	Não-Fic cional	Total	%
Intensifying	(21)	58	19	04	81	9
Emphatic	(104)	486	17	00	563	59
Conjoined	(7)	47	83	48	178	21
Mimetic	(3)	33	11	01	45	5
Simple	(6)	28	00	00	28	3
Purposive	(24)	21	00	00	21	3
TOTAL	(165)	673	130	53	856	100
%	-	79	15	6		100

Porcentagem de ocorrência dos diversos tipos de repetição no inglês (segundo Persson (1974)).

Dos casos de repetição estudados por Persson, três merecem atenção especial: Emphatic, Purposive e Simple. Como mostra a tabela I, estes tipos estão presentes em sua maioria nos estilos que refletem a língua oral (o número de Emphatic é de 486 no estilo conversacional e apenas 17 nos outros estilos; quanto à Simple é de 28 e 0 respectivamente; quanto à Purposive é de 21 e 0). Parece-me que, por estas repetições serem típicas da fala, sua ocorrência em textos escritos pode ser interpretada como um recurso para dar oralidade.

Embora o propósito de Persson não seja identificar repetições típicas da fala, o autor discute certas noções que são relevantes para a caracterização deste subgrupo de repetições. Estas noções serão comentadas a seguir.

#### NOÇÃO 1: Repetição como recurso para reconstituir estruturas

Persson distingue repetições significativas e não significativas, exemplificadas respectivamente por [7] e [8].

- [7] "Anybody else hurt?" My mother was silent for a while...  
"Anybody else hurt, Mother?" (CS)
- [8] "And you do not think", the bookseller was saying, still quietly, but with an added earnestness in his voice, "do you not think that if a new Christ were born..." (CS)

Em [7] a repetição tem efeito emotivo, já em [8] é um recurso puramente "estilístico". Segundo o autor,

*"Very often in novels the beginning of a quotation is interrupted by a stretch of narrative prose, after which the quotation is resumed"*

*from the start. (...) This is a purely stylistic device. The actual speaker does not repeat anything." (P 10)*

Se a repetição não tem efeito emotivo ou semântico, qual seria então a natureza dos efeitos que ela produz? Enfim, qual seria a função de repetições semelhantes a do enunciado [8]? na busca de uma resposta, vamos adotar o seguinte procedimento: suprimir a segunda ocorrência do segmento repetido e observar o tipo de alteração processada no enunciado.

[8] § "And do you not think", the bookseller was saying, still quietly, but with an added earnestness in this voice, "that if a new Christ were born..." (1)

Como se pode ver, a supressão faz com que as partes que compõem o período fragmentado se distanciem. O distanciamento dificulta a compreensão, exigindo possivelmente uma releitura. Minha interpretação é que a repetição nestes contextos desempenha a função de reconstituir estruturas mais simples e mais completas, como sujeito-verbo-objeto em "do you not think that if a new Christ were born...". Ao repetir, o emissor torna contíguos os constituintes da oração, o que facilita o processamento do enunciado, dispensando releituras (ver discussão do artigo de Perini mais adiante).

Confirmando a afirmação de Persson de que a repetição não tinha efeito emotivo ou semântico, a supressão do segmento repetido em [8] § não alterou o significado da seqüência. Portanto, nenhuma força emotiva, rítmica ou lúdica pode realmente ser atribuí-

---

(1) Vou marcar com § a versão do enunciado original que sofreu alterações.

repetição. Tal fato é uma evidência a favor da interpretação de que as repetições podem, em certos contextos, funcionar como um recurso ligado à estruturação do discurso, sendo seu aparecimento condicionado por razões sintáticas (por exemplo, evitar estruturas fragmentadas).

EXEMPLO 2: Repetições como recurso para introduzir novas seqüências

Persson identifica como "expanded repetition" casos como

[9] I learnt at an early age what it was to be angry -  
angry and helpless. (CS)

[10] and that too is not nice. Not nice at all. (CS)

e os exclui do âmbito de seu trabalho, afirmando que

*"This type (...) is characterized by the addition of an amplifying or modifying element. It fulfils the criteria of immediacy and identity, and is a very frequent phenomenon in English. Nevertheless I have decided to excise this type in the present volume - chiefly for considerations of space"*

(Persson, P 10)

Ao contrário de Persson, pretendo incluir em meu trabalho repetições semelhantes a estas porque sua ocorrência diz respeito aos meios para se obter coesão textual. A relação que se estabelece entre o item repetido e o material que imediatamente o segue mostra que uma nova unidade do discurso foi iniciada, tendo como ponto de partida o segmento repetido.

Em [10], a seqüência at all pode ser interpretada como

uma tentativa de "explicar melhor" a informação veiculada pelo segmento not nice na sentença that too is not nice; o falante tentou tornar menos categórico a afirmação. Por outro lado, o material que segue o segmento repetido em [9] pode ser entendido como extensão do significado daquele segmento.

Em enunciados do português, encontrei casos semelhantes, onde itens já expressos são retomados através de repetição e em seguida comentados. O comentário pode: (a) expandir o significado do item

- (11) impressiona a desigualdade social que tem no Brasil/nê?/ que é grande/ eu acho assim que é grande demais da conta// (E 5 P 7)

(b) tornar menos categórica a afirmação

- (12) ela arrumou um namorado/ ela contando pra gente/ de dezoito anos// dezoito ou dezenove eu acho// (E 5 P 14)

(c) especificar o item repetido

- (13) talvez eu vou ser recepcionista lá// lá da firma do papai (E 7 P 7)

Como o material que segue o item repetido se refere especificamente a ele, é possível interpretar a seqüência formada por item repetido + comentário como uma nova unidade. O papel da repetição nestes contextos é o de introduzir novas unidades, funcionando apenas

um elo entre a nova unidade e a sentença anterior. Nenhuma forma enfática, exclamativa ou contrastiva se manifesta através da repetição.

Uma evidência de que a repetição tem função primordialmente assertiva é que a segunda ocorrência do item repetido pode ser suprimida e o material novo pode ser incorporado à sentença, observando-se em que ponto da estrutura o segmento repetido apareceu inicialmente.

[9] § I learnt at a early age what it was to be angry and helpless.

[10] § and that too is not nice at all.

(11) § impressiona a desigualdade social que tem no Brasil/ né?// que é grande demais da conta/eu acho assim

(12) § ela arrumou um namorado/ ela contando pra gente/ de dezoito anos ou dezenove eu acho

(13) § eu vou ser recepcionista lá da firma do papai

Portanto, o papel da repetição nestes enunciados é principalmente estabelecer amarras entre unidades do discurso, interligando-as através da identidade formal e semântica do segmento repetido. Estas repetições podem informar sobre os modos de articular os segmentos do discurso.

### SEÇÃO 3: Repetição como recurso que auxilia na memorização

Persson subdivide os enunciados abaixo em duas categorias. Na primeira inclui as repetições que têm força enfática, emotiva, assertiva. Na segunda inclui as repetições que têm função "pedagógica".

gica", isto é, visam essencialmente auxiliar na memorização.

[ 2 ] We had a fight. A fight (CS) .

[15] well/ in English the word is scrump/ scrump (SS)

Apenas o enunciado [2] pertence à primeira categoria.

Comparemos os enunciados [ 2 ] e [15] . Embora cada um tenha sido colocado numa classe distinta (Emphatic & Purposive), não se pode negar que em ambos tenha sido atribuída força assertiva ao item repetido. Também não se pode negar que, ao repetir, o falante contribui para facilitar a memorização do item. Por que então atribuir maior motivação pedagógica a [15] que a [2] ?

Parece-me que a correlação entre força enfática (assertiva, insistente, exclamativa, etc.) e propósitos mnemônicos se estabelece igualmente em [2] e (11).

Deixando de lado os problemas relativos à delimitação das classes (o que tem função pedagógica e o que não tem), é relevante para meu trabalho a correlação estabelecida entre repetição e facilidade de retenção. Parece-me que a função de auxiliar o trabalho da memória do ouvinte é tarefa fundamental em situações de interação lingüística onde a fala é utilizada, pois, como se sabe, um dos fatores que afetam o desempenho lingüístico do falante são as limitações de memória.

As três noções a que Persson se refere são essenciais na interpretação do uso de repetições como estratégia comunicativa. A menção ao papel estruturante da repetição (p. ex. [8] ), a função coesiva em contextos semelhantes a [9] e [10] , à facilidade de memorização, põe em evidência fatores determinantes na distinção das classes em que as ocorrências foram distribuídas em meu trabalho.

### 3. REPETIÇÕES NO SUECO FALADO POR IMIGRANTES

No artigo resenhado a seguir, são descritas e classificadas as repetições encontradas na fala de imigrantes aprendizes de sueco. Os exemplos aparecem em inglês segundo tradução de Kotsinas. (1)

Kotsinas (1980) interpreta o emprego de repetições como estratégia comunicativa, cuja função é tornar o enunciado mais acessível ao ouvinte.

*"It seems that Dimitris (the informant) when communicating uses a strategy involving repetitions of parts of the story until the listener shows that he understands. If the listener does not understand, Dimitris repeats the part that he suspects is not understood and does so until he feels that the listener finally understands."*

(Kotsinas, 1980: 3)

E acrescenta que

*"Surely it is not quality but quantity, that marks the difference between immigrant and native language concerning recurrences."*

(idem, p. 24)

Corroborando a afirmação de que a repetição é utilizada como estratégia comunicativa tanto por imigrantes quanto por falantes nativos, encontrei na fala de informantes que têm o português como língua materna muitos dos tipos de repetição descritos por Kotsinas, embora sua análise tivesse sido feita a partir da fala de imigran-

---

(1) - A autora não apresenta a versão original em sueco.

tes aprendizes de sueco.

Em seu estudo, Kotsinas inicialmente divide em dois grupos as repetições, a partir da identidade forma e/ou semântica dos itens repetidos. Em seguida, apresenta dois levantamentos: um baseado no número de palavras que compõe o segmento repetido, e outro baseado na classe de palavra a que cada item do segmento repetido pertence. Finalmente as repetições são classificadas segundo as razões responsáveis por sua ocorrência, chegando-se à identificação de seis classes.

Os resumos abaixo mostram os critérios de classificação usados por Kotsinas:

### 3.1. Classificação Formal e Semântica

#### 1. Quanto à semântica

##### A. Identidade

1. mesmo conteúdo, mesma forma

[ 16 ] I wait wait wait (1)

2. mesmo conteúdo, forma diferente

##### a) sinônimo

[ 17 ] good girl/ nice

---

(1) Os exemplos são de Kotsinas, a numeração e o grifo são meus.

b) contraste

[18] woman/ not girl

B. Diversidade (2)

1. conteúdo estendido, forma alterada por adição de elementos.

[19] but eat/ but much eat

2. conteúdo estendido ou reduzido, forma alterada

[20] it is difficult/ it very difficult

2. Quanto à Sintaxe (3)

[21] I only hear when women they say

### 3.2. Classificação Segundo as Razões das Ocorrências

1. Planejamento da fala

A. Correção

---

(2) As subclasses (B.1) e (B.2) são apenas citadas e a distinção entre ambas não fica clara.

(3) Kotsinas apenas menciona esta classe, afirmando que não será comentada.  
(P. 13)

[ 22 ] it Finland or Swedi-Sweden father?

B. Recomeços

[ 23 ] but it/ but it not my problem

C. Hesitações

[ 24 ] it it much work

2. Mudança de turno

A. Iniciar o turno

[ 25 ] what is/ what is called Swedish?

B. Manter o turno

[ 26 ] in Sweden one time// one// only one time// in Greece  
one time too

C. Evitar pausas especialmente no fim do enunciado

[ 27 ] nothing here in Sweden from Greece/ nothing here

3. Interação

A. Estabelecer ou manter contato com o ouvinte

[ 28 ] understand? understand?

ii. Testar a compreensão do ouvinte

[ 29 ] he tell me ask me/ no?

[ 30 ] come an interpreter/ come interpreter

c. Facilitar a compreensão, redundância (1)

[ 29 ] he tell me ask me/ no?

[ 30 ] come an interpreter/ come interpreter

4. Estilo

A. Variação

[ 31 ] it woman/ not girl/ it married

B. Intensidade e ênfase

[ 32 ] much much read

5. Coesão textual

A. Substituir pronomes

[ 33 ] one girl that girl want come cigarette  
(= that girl who wanted cigarette)

B. Segmentação de seqüências

---

(1) "Here the some examples can be used as in 3b." (Kotsinas, 1980: 21)

[ 34 ] you come in the morning/ work on office/  
no? you drive machine// when you drive  
for four hours// stop ten o'clock//  
you come in the morning// work two hour  
machine// drive machine// after two hour  
come the supervisor// say to you// stop  
machine now/ and clean

C. Acentuar a palavra-chave

[ 35 ] come/ my boy come here in Sweden

6. Razões lexico-sintáticas

A. Expressar duração ou interação em VP

[ 36 ] help on union/ come come

B. Decompor analiticamente

[ 37 ] one hour/ two hour (= some hours)

### 3.3. Critérios de Análise

É preciso apontar que as classes tanto da classificação 1 como da classificação 2 não são disjuntas, pois um elemento definido como componente de uma classe pode também ser considerado pertencente à outra.

Em

[ 19 ] but eat/ but much eat

[20] it is difficult/ it very difficult

o mesmo fenômeno parece ter ocorrido: o acréscimo de itens (much e very) que estavam ausentes na primeira ocorrência do segmento repetido faz com que seu significado seja entendido. No entanto, Kotsi coloca [19] em uma classe e [20] em outra, ao invés de classificá-las juntas, como seria de se esperar.

Na classificação 2, o exemplo

[34] you come in the morning//  
work two hour machine//  
drive machine

a repetição de machine é um recurso para acentuar uma palavra-chave (classe 5. C). Não se pode negar, por outro lado, que a repetição visa através da redundância a facilitar a compreensão (classe 3. C).

Nos enunciados

[23] but it/ but it not my problem

[24] it it much work

a razão que determina a dupla ocorrência do mesmo segmento é o descompasso entre o momento do início do enunciado e a codificação em forma lingüística do restante da seqüência. Como distinguir "hesitações" (classe 1.C) de "recomeços" (classe 1.B), se ambos manifestam o mesmo fenômeno? E se "hesitações" ocorrem tanto no início como no interior de orações, como distingui-las dos "recomeços" quando ocorrem no início da sentença?

Nos enunciados

[23] but it/but it not my problem

[24] it it much work

a razão que determina a dupla ocorrência do mesmo segmento é o descompasso entre o momento do início do enunciado e a codificação em forma lingüística do restante da seqüência. Como distinguir "hesitações" (classe 1.C) de "recomeços" (classe 1.B), se ambos manifestam o mesmo fenômeno? E se "hesitações" ocorrem tanto no início como no interior de orações, como distingui-las dos "recomeços" quando ocorrem no início da sentença?

Assim, parece-me que os critérios que definem as classes devem ser entendidos como traços que se recobrem, e as classes como categorias não mutuamente exclusivas.

### 3.4. Interpretação dos Dados

Quanto à determinação da subclasse (5.B) - segmentação de seqüências - é interessante notar que Kotsinas toma a fala do informante não como um conjunto de sentenças, mas como um texto, dividindo-a em subpartes discriminadas com base no assunto desenvolvido.

Deste modo capta noções como a presença de paralelismo no modo de narrar histórias.

[ 34 ] you come in the morning/ work on office/ no? you  
drive machine//  
when you drive for four hours/  
stop ten o'clock//  
you come in the morning//  
work two hour machine//  
drive machine//  
after two hour come the supervisor//  
say to you// stop machine now/ and clean//

Ao invés de comentar os fatos que afetaram sua jornada de trabalho, o informante prefere narrar uma jornada normal e em seguida a "especial", deixando ao interlocutor a tarefa de estabelecer o paralelo entre ambas e identificar as diferenças.

Como resultado desse tipo de estruturação discursiva, tem-se orações justapostas, onde estão ausentes marcadores que evidenciem relações de causa e efeito ou outras mais abstratas.

O paralelismo, observado por Kotsinas, é muito frequente na fala. No português, sua presença se faz notar em orações com negativas. O falante enuncia uma proposição e, em seguida, repete a seqüência, substituindo o elemento negado, como em

(40) eu nunca fico concentrada no estúdio//  
fico concentrada no que vou fazer de  
noite (E 7 P 14)

(41) a gente faz o almoço//  
a gente nunca faz ceia (E 7 P 9)

(42) se você deu tudo que você podia/  
depois se você não deu tudo que você podia  
ficou suficiente e o insuficiente/ sabe?  
(E 7 P 3)

Em textos escritos, esse paralelismo daria lugar a construções sintáticas com elipse, resultando em seqüências como

- (40) § eu nunca fico concentrada no estudo e  
sim no que vou fazer de noite.
- (41) § a gente faz o almoço, mas nunca a ceia
- (42) § se você deu tudo que podia, ficou suficiente, se não deu, ficou insuficiente

Outro recurso importante, cuja identificação é possibilitada pela interpretação do discurso como um texto, é ver as repetições como expressão da capacidade de narrar histórias.

*"(...) it might be fruitfull to look upon the frequent recurrences as expression: for a verbal story-telling capacity, a pleasure in repeating interesting and important details and really impress them upon the memory of the listener, before proceeding with the story."*

(Kotsinas, p. 23)

Kotsinas não explicita que repetições estariam diretamente relacionadas à capacidade de narrar histórias; possivelmente as da classe 1 (Planejamento da Fala) estariam excluídas. Ao observar que o falante se detém a comentar detalhes importantes e interessantes antes de dar continuidade à história, a autora deixa de mencionar que tipo de alteração essas "interrupções" ou "demoras" acarretam na estruturação do discurso.

Ao analisar o discurso de falantes do português, observei que geralmente após o informante ter se detido a comentar detalhes, ele retoma o discurso exatamente no ponto onde os comentários foram iniciados, por exemplo

(43) aí nós fomos direto pra telefônica//

todo mundo foi pro hospital/ n<sup>o</sup>s fomos pra telef<sup>o</sup>nica, porque assim nenhum de n<sup>o</sup>s tinha machucado sabe?/ grave assim//  
a<sup>i</sup> n<sup>o</sup>s fomos pra telef<sup>o</sup>nica/ telefonamos pra minha tia (E 7 P 13)

- (44) I: a gente 'tava jogando senha/  
'c<sup>e</sup> sabe aquele joguinho de senha?  
E: n<sup>o</sup>  
I:  $\bar{e}$  um joguinho/sabe?//  
a gente 'tava jogando senha no barzinho//  
a<sup>i</sup> (..) (E 23 P 7)

Em (43) o informante explica porque n<sup>o</sup> foi direto para o hospital e em seguida retoma a seq<sup>u</sup>ência de eventos que descrevia: a<sup>i</sup> n<sup>o</sup>s fomos pra telef<sup>o</sup>nica/ telefonamos pra minha tia (...).

Em (44), o informante interrompe a descri<sup>ç</sup>o de uma briga num bar para perguntar ao entrevistador se conhecia o jogo ao qual fez refer<sup>ê</sup>ncia (linhas 2, 3 e 4). Em seguida, recome<sup>ç</sup>a a descri<sup>ç</sup>o da ce<sup>n</sup>a que estava sendo narrada. Nestes contextos, a repeti<sup>ç</sup>o é utilizada para recompor o fio central da narrativa, que fora interrompida por coment<sup>á</sup>rios referentes a detalhes.

Kotsinas conclui afirmando que tanto imigrantes como falantes nativos recorrem ao uso de repeti<sup>ç</sup>o<sup>es</sup> quer quando n<sup>o</sup> t<sup>em</sup> acesso a palavra certa no momento adequada, quer para expressar ênfase. Parece-me que do mesmo modo que imigrantes fazem uso da repeti<sup>ç</sup>o com outros prop<sup>o</sup>sitos al<sup>é</sup>m desses (por exemplo, evitar estruturas sintaticamente mais complexas, classes 4, 5 e 6 da classe F.2) tamb<sup>é</sup>m os falantes nativos o fazem. A utiliza<sup>ç</sup>o de repeti<sup>ç</sup>o<sup>es</sup> como recurso coesivo tamb<sup>é</sup>m poderia certamente ser inclu<sup>í</sup>do entre os fatores acima.

#### 4. REPETIÇÕES NO PORTUGUÊS

##### 4.1. Interpretação Funcional nos Enunciados Falados

Passarei agora a resenhar o estudo que utiliza dados do português. Perini (1980) analisa um tipo de repetição que constitui um subconjunto das repetições identificadas em meu trabalho. Os pressupostos adotados por Perini são os mesmos em que me baseei. Assim sendo, meu trabalho pode ser interpretado como um desdobramento daquele, embora nossas conclusões apenas parcialmente se mostrem coincidentes.

Os pressupostos adotados por Perini são:

*"(A) Possuímos conhecimento não explícito das limitações de uma pessoa que ouve enunciados falados e tenta compreendê-los;*

*(B) fazemos uso deste conhecimento ao construirmos nossos enunciados, isto é, adaptamo-los de maneira a minimizar o efeito das limitações perceptuais;*

*(C) como resultado, a fala é cheia de desvios, desvios estes que não são aleatórios, mas são em parte motivados por considerações de facilidade de processamento."*

(Perini, p. 113)

Inicialmente, o autor focaliza enunciados como

[45] ela achou, no princípio, que dava tempo (1)

---

(1) Continuo dando os exemplos citados com a minha numeração. .

e os descreve do seguinte modo: trata-se de uma estrutura sujeito+verbo+objeto que foi interrompida por inserção. Uma inserção se define como

*"(a) um constituinte transportado, por exemplo, um advérbio não no início da sentença;*

*(b) um aposto, como em "Durval, o que toma conta lá do catecismo";*

*(c) um constituinte estranho à sentença, como uma exclamação;*

*(d) uma combinação dos elementos acima"*

(Perini, p. 119)

O autor afirma que enunciados como [45], que contêm inserção, apresentam-se em textos falados do seguinte modo, conforme um exemplo real extraído do "corpus" examinado

[46] ela achou no princípio ela achou que dava tempo

Na fala, as inserções, na maioria dos casos, são acompanhadas de repetições. Perini atribui à repetição o papel de reconstituir estruturas canônicas, isto é, estruturas mais típicas, mais frequentes ou mais completas da língua. Argumenta que tais estruturas seriam mais acessíveis a estratégias sintáticas de reconhecimento, conforme mostram os experimentos psicolinguísticos realizados por Bever e Mehler (1967), Moore (1972).

Perini propõe uma interpretação psicolinguística: o processo de decodificação inclui o armazenamento da informação na memória de curto termo até que unidades de significado sejam completadas.

"É necessário admitir que, antes que uma seqüência seja armazenada na memória imediata, um mecanismo pré-analisa a seqüência, interpretando partes dela como realizações de unidades de nível superior. Esse mecanismo tem a sua disposição um certo número de estratégias, que se ordenam segundo uma espécie de ordem de preferência: a primeira estratégia é experimentada e, se fracassar, passa-se à segunda e assim por diante.

A ordem de preferência se relaciona com uma ordem de "canonicidade" das estruturas da língua - de tal modo que certas estruturas, mais típicas, mais frequentes ou mais completas, serão procuradas preferencialmente; caso essa procura não dê resultado, outras estruturas serão experimentadas, até que uma delas prove ser uma análise possível do enunciado em questão (ou até que se esgotem as estratégias, com o que o enunciado não será processado)."

(Perini, p. 117)

Segundo Fodor, Bever e Garret, a estratégia do sentóide canônico seria uma das primeiras a ser experimentadas:

"whenever one encounters a surface sequence NP V (NP), assume that these items are, respectively, subject, verb, and object of a deep sentoid."

(Fodor, Bever, Garret,  
1974: 345)

Deste modo, quando os enunciados [45] e [46] são apresentados como 'input', ambos são divididos em fatias:

[45] ela achou/ no princípio/ que dava tempo  
SN

[46] ela achou/ no princípio/ ela achou que  
SN V SN  
dava tempo

Observando-se as três fatias, vê-se que a repetição de

ela achou em [46] possibilitou o aparecimento de uma seqüência do tipo SN V SN. Quando as duas seqüências são submetidas à estratégia do sentõide canônico, apenas [46] será processada, já que em [45] essa estratégia teria fracassado e outra teria que ser experimentada. Logo, a seqüência [46] é de processamento mais rápido e fácil.

A partir destes dados, Perini afirma que a ocorrência de repetição após inserção contribui para facilitação do processamento do enunciado, pois reconstitui estruturas canônicas. A presença da repetição está associada à da inserção, servindo como minimizador da dificuldade trazida pela fragmentação da estrutura canônica.

Perini observa que as repetições contíguas, em contraposição ao tipo estudado (não contíguas), parecem estar ligadas a fenômenos distintos, como ênfase e hesitação.

O corpus utilizado compõe-se de transcrições de diálogo com informantes de classe média, com idades variando de 11 a 36 anos. As gravações foram feitas em situações razoavelmente informais, de modo que podem ser consideradas típicas da fala espontânea.

Adotando a hipótese de que a ocorrência de repetição não-contígua no estilo falado indicaria pontos críticos, isto é, momentos específicos que potencialmente trariam dificuldade à tarefa de decodificação, o autor conclui que

*"a dificuldade de um texto escrito. é, em parte, função do número de inserções que contém".*

(Perini, p. 120)

#### 4.2. Critérios de Análise

O levantamento estatístico apresentado por Perini mostrou que

*"42,5% de todos os casos claro- de repetição não-contígua redundam na reconstituição de uma das estruturas (a) sujeito + verbo + objeto; (b) sujeito + verbo intransitivo; (c) sujeito + verbo de ligação + predicativo.*

*Por outro lado, há também casos em que a repetição não reconstitui estrutura nenhuma; todos são enunciados nos quais, embora a inserção ocorra no final de uma estrutura, esta é repetida na íntegra após a inserção. Por exemplo ,*

[47] *outro dia eu tava olhando, eu tenho ela lá em casa ,  
tava olhando.*

*Entretanto, tais enunciados são bastante raros no corpus examinado, perfazendo apenas 25% dos casos de repetição não-contígua."*

(Perini, 1980: 118)

Considerando o pressuposto (c), de que os desvios de gramaticalidade da fala não são aleatórios, qual seria a função (ou funções) das repetições que constituem os 57,5% restantes? Mesmo quando "a repetição não reconstitui estrutura nenhuma", não estaria tal fenômeno funcionando como um recurso enfático, ou mesmo completando estruturas ou unidades do discurso que não coincidem com as do tipo (a), (b) ou (c)?

Por outro lado, se a repetição não-contígua tem a função de reconstituir estruturas fragmentadas por inserção, seria de se esperar que:

- quando fragmentos de estruturas (a), (b) ou (c) são repetidos é que houve inserção; e que
- inserções propiciem o aparecimento de repetições.

Assim, os elementos definidos como inserções devem, na maioria dos casos, vir parentetizados por repetições.

A busca de resposta para as questões acima foi o ponto de partida para a investigação que realizei. Esta busca levou-me a rever os conceitos de inserção e canonicidade, assim como a discutir a relevância do traço contigüidade para a classificação funcional das repetições. Cada um desses problemas será comentado a seguir .

#### 4.2.1. "Inserção"

Perini define "Inserção" como

*"(a) um constituinte transportado, como um advérbio não no início da sentença;*

*(b) um aposto, como em "Durval, o que toma conta lá do catecismo";*

*(c) um constituinte estranho à sentença, como uma exclamação;*

*(d) uma combinação dos elementos acima."*

(Perini, 190: 119)

Perini é de opinião de que os elementos acima definidos constituem a causa primordial da ocorrência de repetições não-contíguas. Entretanto, o exame de um "corpus" maior que realizei não confirma essa expectativa.

No enunciado

(48) a Fátima nó ela é incrível (E 7 P 7)

a exclamação nô, definida como inserção, parece ser responsável pela repetição do SN inicial (através de pronome), resultando na seqüência SN inserção SN V SN . No enunciado abaixo, o mesmo fenômeno se manifesta, só que ao invés da exclamação, temos uma pausa longa entre as duas ocorrências do mesmo SN.

(49) o carro// o carro já era<sup>(1)</sup> (E 23 P 10)

Tal fato permite considerar a pausa longa como um tipo de inserção, o que nos levaria a ampliar a definição acima, incluindo mais este elemento - pausas longas.

No entanto, a ocorrência de enunciados semelhantes a (50) nos leva a rever o que considerar como inserção, uma vez que a mesma seqüência SN SN V SN aparece quando nem exclamação, nem pausa longa separam os dois SNs iniciais.

(50) meu pai ele é advogado (E 23 P 2)

O que temos nos três enunciados é uma construção de tópicos e comentário, sendo o primeiro SN o tópico, e o comentário uma oração, com sujeito e predicado. A ocorrência de repetições, portanto, não se deve ao fato de que a exclamação funciona como inserção, mas sim porque o primeiro SN da sentença não é sujeito, mas o tópico.

As exclamações, a meu ver, não causam alterações semelhantes a apostos ou advérbios deslocados (isto é não levam necessaria

---

(1) Este enunciado ocorre no interior do monólogo.

mente a repetições), não devendo por isso ser incluídas entre os termos considerados inserção. Além do mais, tais ocorrências parecem comparáveis a de palavras de interação discursiva (nê, sabe) e encontros (assim), que, por sua vez, não causam repetições<sup>(1)</sup> (na maioria dos casos).

(53) a gente conhece assim o papel muito (E 7 P 15)

Quanto às pausas longas, não é possível no momento chegar a qualquer conclusão quanto à possibilidade de considerá-las inserção. Tal fato se deve às limitações deste estudo que observou a presença de pausas longas apenas em contextos semelhantes a (49), pois o estudo sistemático dos fenômenos intonacionais se coloca fora do âmbito deste trabalho.

#### 4.2.2. "Contigüidade"

Apresentarei a seguir os dados que me levam a contestar as seguintes afirmações de Perini.

*"Pode-se concluir da discussão que precede que a ocorrência de certas repetições não-contíguas na fala oral é um indicador de pontos especialmente difíceis do texto, do ponto de vista das limitações de processamento. Também deve ficar claro que a repetição contígua não pode ter a mesma função comunicativa da não-contígua. (...) Com efeito, a repetição contígua parece estar ligada*

---

(1) Em 30 casos de assim, sabe no interior de orações, houve 1 caso de repetição.

a fenômenos inteiramente distintos, como e ênfatização e a hesitação."

(Perini, 1980: 115, grifo meu)

Certos enunciados presentes no "corpus" que analisei apresentam repetições não-contíguas e contíguas desempenhando a mesma função.

(a) Ênfatização

(54) deve ser por causa da colonização européia  
lã// deve ser (e 9 P 5)

(55) que eu detesto/ detesto mesmo (E 21 P 5)

(b) Ocupar o canal enquanto o falante decide como continuar

(56) eu num assim... num chego a morrer de medo  
(E 22 P 8)

(57) não um liberal um ... um absoluto (E 23 P 5)

(c) Marcar o item que será especificado a seguir

(58) o pessoal 'tã começando a trabalhar//  
pessoal assim de 16/17 anos (E 9 P 4)

(13) eu vou trabalhar lã// lã da firma do papai (E 7 P7)

Outros enunciados apresentam repetições contíguas manifestando fenômenos diferentes de ênfatização e hesitação.

(49) o carro// o carro já era (E 23 P 10)

Aqui o elemento repetido preenche a posição original do item topicalizado, o sujeito da sentença. É interessante notar que a repetição visa a reconstituir a estrutura sujeito + verbo + objeto da sentença comentário, embora nenhuma inserção tenha fragmentado tal estrutura. Este é, portanto, um caso de repetição contígua cuja função é de certo modo análoga à das repetições não-contíguas estudadas por Perini (1980).

O traço contigüidade não me parece suficiente para distinguir repetições que desempenham funções distintas, conforme mostram os enunciados (49), (13) e (54) - (58).

#### 4.2.3. "Canonicidade"

Perini (1980) identifica como canônicas as seguintes estruturas do português:

- (a) sujeito + verbo + objeto
- (b) sujeito + verbo intransitivo
- (c) sujeito + verbo de ligação + predicativo

e observa que 42,5% dos casos de repetição não-contígua examinados completavam uma dessas estruturas.

Parece-me que outras estruturas, como por exemplo adjunto adverbial + sujeito + verbo + objeto, poderiam ter sido incluídas no grupo acima. Enunciados extraídos do "corpus" mostram seqüências em que esta estrutura foi reconstituída por repetições:

(59) sempre na minha família/ num sei por quê/  
sempre na minha família eles dão festa (E 5 P 8)

(60) sempre desde do ... do primário assim/  
sempre eu nunca dei baixa assim em matemática  
(E 9 P 4)

A demarcação feita por Perini, ao reunir num só grupo as estruturas (a), (b) e (c), não deve ser entendida como uma subdivisão em conjuntos distintos - estruturas canônicas x estruturas não-canônicas -, mas como uma delimitação gradual numa escala. Assim, a estrutura adjunto adverbial + sujeito + verbo + objeto estaria localizada de tal modo que poderia ser identificada como menos canônica que sujeito + verbo + objeto e mais canônica que sujeito + verbo + adjunto adverbial + objeto, por exemplo.

A interpretação das estruturas sintáticas como estando hierarquizadas segundo uma escala de canonicidade se coaduna com a explicação de Fodor, Bever e Garret (1974), segundo a qual o ouvinte, para decodificar as seqüências que ouve, aplica estratégias

*"que são ordenadas segundo uma ordem de "canonicidade" das estruturas da língua - de tal modo que certas estruturas mais típicas, mais frequentes e mais completas são procuradas preferencialmente."*

(apud Perini, 1980: 117)

Se as estratégias sintáticas aplicam-se nesta ordem, então o conceito de canonicidade é uma questão de grau e, conseqüentemente, as estruturas menos típicas, menos frequentes, são procuradas posteriormente.

Desse modo, por considerar a canonicidade uma questão de grau será possível interpretar como um fenômeno único as repeti -

ções que reconstituem não são seqüências do tipo (a) sujeito + verbo + objeto, (b) sujeito + verbo de ligação + predicativo e (c) sujeito + verbo intransitivo, mas também aquelas que reconstituem outras seqüências, como em (59) e (60).

#### 4.2.4. Conclusão

A correlação entre repetição de um lado e de outro reconstituição de estruturas mais acessíveis ao mecanismo de processamento (do ouvinte) fornece elementos fundamentais para a compreensão dos fatores responsáveis pela chamada agramaticalidade de enunciados falados. A interpretação do fenômeno da repetição a partir da perspectiva do ouvinte, levando em conta suas limitações de desempenho, permite identificar diversas funções, sendo a de reconstituir estruturas canônicas apenas uma delas.

A revisão do conceito de canonicidade permite identificar como funcionamente semelhantes a ocorrência de repetições em enunciados com estruturas diferentes do sujeito + verbo + objeto, sujeito + verbo intransitivo e sujeito + verbo de ligação + predicativo e também adjunto adverbial + sujeito + verbo + objeto.

(59) sempre na minha família/num sei por quê/  
sempre na minha família eles dão festa (E 5 P8)

(60) sempre desde do ... do primário assim/  
sempre eu nunca dei baixa assim em matemática  
(E 9 P 4)

Quanto à inserção, a enumeração de elementos cuja ocorrência implica em fragmentação de estruturas canônicas contribui para que fenômenos bastante distintos sejam identificados. A análise de enunciados como

(48) a Fátima nõ ela é incrível (E 7 P 7)

juntamente com (49) e (50) mostrou que não é devido à exclamação que a repetição acontece. Ao que parece, é o preenchimento da função original do elemento topicalizado que é responsável pela dupla ocorrência do item no mesmo enunciado.

É conveniente ressaltar aqui certas limitações decorrentes da abordagem da fala do informante como simples conjunto de orações. Perini analisa a estrutura sintática das seqüências do discurso, sem levar em conta a estruturação textual do segmento analisado, o que resulta na perda de aspectos importantes que estão intimamente relacionados com o tipo de repetição estudado, a repetição não-contígua. Os casos a que Perini se refere como "os que não reconstituem estrutura nenhuma" incluem, no meu "corpus", enunciados em que as inserções ocorrem entre orações e não no interior delas. Por exemplo,

(61) o Sérgio explicava sabe de uma maneira que a gente entendia// conversava com a gente// e a que entrou é muito fechada sabe?// ela é assim mais velha/ muito brava// também ela dá aula em faculdade também tá acostumada com faculdade/ né?  
O Sérgio/ sei lá/ ele ficava conversando com a gente/ sabe/ parecia que ele era amigo da gente/ não um professor (E 7 P 3)

Nestes casos as unidades discursivas fragmentadas são de nível diferente, são unidades semelhantes aos parágrafos em textos escritos.

Ocorrências semelhantes (61) são identificadas por Chafe (1980) como manifestação da retomada de uma seqüência particular que estava em foco na mente do falante, seqüência essa que permite identificar unidades ou porções do discurso denominadas "centro de interesse". Ao repetir, o falante reconstitui a unidade iniciada e então a completa. Comparemos (61) e [62], sendo este último citado por Chafe (1980:34)

[ 62 ] (a) and then he whistles at the boy a the bicycle/ (b) and... the boy on the bicycle stop/ (c) um... he was walking it at that time/ (d) he didn't ride it// (e) and then um he whistles out at him takes the hat back

*"The speaker then returns to the main track in (e), where she reverbilizes the focus she began in (a), before continuing with the further events which are concluded in (i)."*

(Chafe, 1980:35)

Como se pode ver, a observação de seqüências maiores do que orações permite identificar segmentos determinados a partir do assunto e assim interpretar o papel da repetição em contextos mais amplos.

Portanto, a repetição pode desempenhar função comunicativa em dois níveis: na sentença, conforme os enunciados analisados por Perini, e em unidades maiores, os "parágrafos", conforme se pode ver em (61) e [62].

## 5. REPETIÇÕES NO FENÔMENO DE HESITAÇÃO NO INGLÊS

Mencionarei a seguir rapidamente um trabalho que trata de repetições que manifestam o fenômeno da hesitação.

Maclay e Osgood (1967) investigam o fenômeno da hesitação no inglês falado em situação espontânea, e identificam quatro tipos de manifestações deste fenômeno.

### 5.1. Tipos de Hesitação

#### 1. "Repeats"

Todas as repetições, de qualquer extensão, que forem consideradas semanticamente não significativas.

[63] I I saw a very very big boy<sup>(1)</sup>

#### 2. "False Starts"

Todos os enunciados incompletos ou interrompidos pelo próprio falante.

[64] I saw a very/

[65] I saw a very big/ a very small boy

#### 3. "Filled Pauses"

Todas as ocorrências de partículas típicas de hesitação no in -

---

(1) "I is repeated but very is not, since in the latter case the repetition intensifies big and thus changing the meaning, while this is not the case for I." (Maclay e Osgood, 1967:308)

glês: /a/, /æ/, /r/, /m/.

#### 4. "Unfilled Pauses"

Silêncio de duração maior que o normal ou alongamento de fonemas.

#### 5.2. "False Starts"

A distinção entre as categorias "Repeats" e "False Starts" não fica muito clara a partir das respectivas definições. Comparemos os enunciados [53] e [55.] que pertencem, respectivamente, as categorias acima enumeradas.

[63] I I saw a very very big boy

[65] I saw a very big// a very small boy

Nos dois enunciados ocorrem repetições semanticamente não significativas, o que necessariamente incluiria os dois enunciados na classe "Repeats". No entanto, os autores preferiram considerar em [65.] apenas a interrupção do enunciado e não a repetição como manifestação de hesitação.

Acontece que a interrupção de enunciados pode dever-se a diferentes motivos, sendo a retificação apenas um deles. Além disso, muitas vezes os enunciados interrompidos são posteriormente repetidos e completados (como em [65]), e outros podem permanecer incompletos (como em [64] e (68)).

(68) ela ... ela é meio (E 9 P 3)

Podemos apontar pelo menos três tipos de fenômenos responsáveis por interrupção:

1. Mudança de Plano

Enunciados que permanecem incompletos.

[64] I saw a very

2. Retificação

Enunciados onde houve auto-correção, com ou sem repetição.

[65] I saw a very big/ a very small boy

3. Hesitação

Enunciados interrompidos porque o falante demorou a selecionar dentre as diversas alternativas lexicais o item que daria continuidade à seqüência.

[63] I I saw a very very big boy

Logo, a interrupção em si não parece ser suficiente para distinguir as duas categorias, mesmo porque nos casos de "Repeats" também há interrupção.

Conforme já observamos, também podem ocorrer repetições semanticamente não significativas e em ambas. No entanto, não há dúvida de que [63] e [65] manifestam fenômenos diferentes, sendo a

diferença relacionada com a função que o elemento repetido desempenha em cada contexto: no primeiro, visa a ocupar o canal enquanto o falante decide como continuar e no segundo, reconstitui o sintagma fragmentado.

Finalmente, seria interessante observar que na classe 2, "False Starts", incluem-se fenômenos como a auto-correção: o falante corrige um item já enunciado, substituindo-o por outro e repetindo (ou não) o item imediatamente anterior. Em | 65 |, por exemplo, o sintagma foi reconstituído através da repetição de sua porção inicial, a very small boy. A partir desses dados, os autores sugerem que

*"It is clear that there is a statistically significant tendency for retraced corrections of lexical items to include antecedent words, where as retraced corrections of function words seldom include antecedent items (...). If we assume that speakers will retrace to a boundary of an "encoding unit", these results suggest one kind of a unit as containing a function word followed by a lexical word."*

(Maclay & Osgood, 1967: 313)

Os dados do português levam a fazer afirmações mais definidas sobre as "unidades de codificação". Quando há correções, o falante reconstitui o sintagma onde o item retificado se encontra, não se trata apenas de repetir o (s) item (ns) imediatamente anterior(es), mas toda a porção que complementa o sintagma, seja anterior ou posterior o item retificado, como em

(66) eu tive/ tive não// eu larguei (E 5 P 6)

(67) a primeira vez que nós fomos/ uma das primeiras vezes que nós fomos (E 7 P 14)

### 5.3. O Papel da Hesitação no Discurso

Maclay e Osgood observam nas manifestações de hesitação elementos potencialmente capazes de informar sobre a estruturação dos enunciados:

*"Hesitations function as auxiliary events which help to identify and circumscribe linguistic units, rather than as part as raw data for which a structural statement must account. The fact that they serve this function shows a recognition of their nonrandom relation to linguistic forms".*

(Maclay e Osgood, 1967:320)

Os autores admitem que

*"these phenomena (...) can also be studied from the point of view of the listener. Presumably the hesitations that slow the speaker at points of uncertainty also permit the listener to catch up, as well as serving to stress the less predictable items."*

(p. 323)

Parece-me que a afirmação acima é mais adequada às outras manifestações de hesitação do que às que indicam uma demora do falante na escolha do item que dará continuidade ao enunciado. Primeiro porque, levando-se em conta as limitações da memória de curto termo, é certamente mais difícil decodificar seqüências com hesitações muito freqüentes, do que enunciados com poucas hesitações ou sem elas. Isto porque o tempo gasto para completar o enunciado pode afetar o armazenamento da seqüência, uma vez que o trabalho da memória de curto termo é controlado tanto pela carga de informação como pelo tempo.

Em segundo lugar, a marcação de itens menos previsíveis não parece facilitar a tarefa do ouvinte, uma vez que não é o próprio item que vai ser marcado, mas aquele que o antecede. Por outro lado, o item "menos previsível" para o falante (previsível aqui no sentido de ser menos acessível ao falante no momento desejado) pode não ser para o ouvinte. Muitas vezes, conforme tenho observado sistematicamente, o interlocutor tenta auxiliar o falante enquanto este procura o item adequado (isto é, enquanto hesita), fazendo sugestões, sugestões essas que são satisfatórias com bastante frequência. A meu ver, os casos que tornam mais lenta a fala ("Repeats", "Filled Pauses" e "Unifilled Pauses") dificultam a tarefa do ouvinte ao invés de facilitá-la.

Finalmente gostaria de salientar um aspecto importante mencionado por Osgood e Maclay (p. 323): a possibilidade de o fenômeno da hesitação ser estudado a partir da perspectiva do ouvinte e assim ser interpretado levando-se em conta o processo de interação lingüístico. Mesmo considerando que as classes 1, 3 e 4 não parecem contribuir para facilitar a tarefa do ouvinte de processar enunciados falados, parece-me que os fenômenos incluídos na classe 2 são bastante interessantes quanto à função que desempenham na interação falante/ouvinte. E foi a partir da perspectiva do ouvinte que sub-classifiquei diferentes ocorrências de repetição, conforme passarei a descrever.

## II - CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE REPETIÇÃO

### 1 - FUNÇÃO COMUNICACIONAL

Conforme vimos no capítulo anterior, as repetições podem desempenhar múltiplas funções no discurso. Tal fato possibilita, através do estudo sistemático das diferentes ocorrências, verificar o modo pelo qual as repetições atuam em situações de interação lingüística. É com base na função comunicativa efetivada pelos diferentes usos da repetição que pude identificar diversos tipos de ocorrências, chegando assim a uma taxonomia das repetições no estilo falado.

Minha classificação é, portanto, funcional e visa a descrever de que maneira a repetição contribui para facilitar a tarefa do ouvinte de compreender enunciados. Adotando o ponto de vista do receptor, procurei identificar se a repetição tornou o enunciado mais acessível a estratégias sintáticas de processamento ou se, através da redundância, possibilitou neutralizar os efeitos de limitações de desempenho decorrentes de limitações de memória ou falhas de atenção.

A opção pela abordagem do fenômeno da repetição a partir da perspectiva do receptor afasta meu trabalho dos de Maclay e Osgood (1967) e Chafe (1980), porque nesses o mesmo fenômeno é abordado a partir do ponto de vista do falante, e aproxima-o do

trabalho de Perini (1980). Tomemos como exemplo o enunciado

[65] I saw a very big/ a very small boy

para Maclay e Osgood, temos em | 65 | a exemplificação de uma tendência do falante a repetir o (s) item (ns) que precede (m) o elemento retificado.

*"This would suggest that at some level of organization the encoding unit is phrase-like, a lexical core with its tightly bound grammatical context. In at least superficial contradiction to this, however, is the fact that pauses of both types tend to occur just before lexical choices and thus often between the function-word context and the lexical core (eg. in the/house)."*

(Maclay e Osgood, 1967:321)

Esta aparente contradição detectada por Osgood e Maclay desaparece se interpretarmos os dois fenômenos, considerando que o falante tende a oferecer com 'input' ao ouvinte seqüências acessíveis a estratégias sintáticas de processamento. Isto é, a retomada da porção do sintagma que precede o item retificado não significa necessariamente que o falante esteja codificando por sintagmas; significa antes que o ouvinte decodifica por sintagmas, e o falante procura facilitar a sua tarefa.

Esta última consideração aparece no trabalho de Perini como pressuposto

*"possuímos conhecimento não-implícito das limitações perceptuais de uma pessoa que ouve enunciados fala - dos e trata de compreendê-los. Fazemos uso desse conhecimento ao construirmos nossos enunciados, isto é,*

*adaptamo-los de maneira a minimizar o efeito das limitações perceptuais."*

(Perini, 1980:113)

Como atestam experimentos psicolinguísticos, o ouvinte faz uso de estratégias sintáticas e semânticas (cf. Clark e Clark, 1977: 58-79) e assim, quanto mais acessíveis a estratégias mais preferidas forem as seqüências, mais facilitado será o trabalho do ouvinte.

Aplicando aos enunciados

[ 65.] I saw a very big/ a very small boy

[ 70 ] in the/house

podemos observar dois fenômenos distintos. A reconstituição do SN se deve à tendência a tornar a seqüência mais fácil de processar, uma vez que a inserção do elemento estranho big dificultaria a associação dos itens a very big small boy, pois o ouvinte teria de "passar por cima" desse elemento para integrar os itens que formam o SN. Daí, o falante preferir recompor o SN, repetindo a very após o elemento estranho big. Já em

[ 70.] in the/house

onde a pausa parece indicar que o sintagma não é uma unidade de codificação, a fragmentação da seqüência não chega a oferecer dificuldade para o ouvinte, pois não afeta a associação destes itens como formadores do mesmo sintagma.

Portanto, a descrição dos fenômenos de pausa e repetição a partir da perspectiva do ouvinte fornece novos e valiosos elementos para a interpretação dos fenômenos peculiares ao estilo falado.

Vejamos agora como Chafe descreve o fenômeno responsável pela ocorrência de repetição em unidades discursivas como

- [71 ]
1. and and you look at them/
  2. and and they see him/
  3. and they come up/
  4. and whithout saying anything/
  5. there's no speech in the whole movie/
  6. whithout saying anything/
  7. they ... um... help him put the pears back in the basket//

*"Sometimes the sequence of focuses which leads toward the conclusion of a center of interest is interrupted by one or more focuses from a different realm of interest, in effect a parenthetical aside. The focus in (5) is clearly related to that in (4). Father, (5) represents a general commentary on the entire film in the midst of focuses which follow a sequence of events within the film."*

(Chafe, 1980:35)

A partir do ponto de vista do receptor, a repetição em [71] constitui um elo entre o fragmento posterior à seqüência (5) e o anterior àquela seqüência. A repetição funciona como parênteses delimitando a porção do discurso relativa a um tópico discursivo diferente daquele que estava em andamento, facilitando assim a associação entre as seqüências relativas ao mesmo assunto. (Ver Repetição Atualizadora de Cena a seguir.).

A escolha de uma ou outra abordagem implica na interpretação da linguagem como manifestação de fenômenos distintos. (1)

---

(1) Embora não haja qualquer contradição intrínseca.

Chafe, por exemplo, que adota o ponto de vista do emissor, parte da seguinte hipótese:

*"similar principles are involved in the way information is acquired from the environment (for example, through eye movements), in the way it is scanned by consciousness during recall, and in the way it is verbalized."*

(Chafe, 1980:16)

Entretanto, a interpretação a partir do ponto de vista do ouvinte (receptor) leva a ver o discurso como um texto estruturado segundo as regras (ou normas) do estilo falado, distinguindo-o do texto escrito, que é, por sua vez, estruturado dentro dos padrões do estilo escrito. A existência de normas e padrões que orientam a linguagem oral é reconhecida por autores modernos, que não mais admitem ser o discurso (oral) um texto caótico.

Entendendo texto como realização ou da fala ou da escrita, cuja variação formal, referente à modalidade, se deve à obediência a regras de estilo, é possível comparar textos falados e textos escritos e interpretar as diferenças como manifestação da aplicação de diferentes regras ou normas ("estilísticas"). Assim sendo, o discurso não vai expressar de modo transparente o processo de codificação de informações (do mesmo modo que a escrita também não expressa), mas vai explicitar o modo mais conveniente (mais adequado) de tornar processável a linguagem, de modo a adaptá-la à situação (do mesmo modo que o estilo escrito o faz, aliás com a mesma eficácia). As diferenças formais decorrem justamente das condições em que o fenômeno lingüístico é efetivado.

O estudo do estilo falado que realizo aqui tem por objeti

fo identificar fatores que trazem dificuldade à leitura. A descrição das repetições e a classificação a partir de sua função comunicativa possibilitou identificar contextos onde a repetição contribui para facilitar a tarefa do ouvinte.

A determinação dos fatores responsáveis pela ocorrência destas repetições pode indicar fenômenos que, na escrita, são potencialmente capazes de trazer dificuldade. Uma vez identificado esses fenômenos, pode-se passar à realização de testes que permitirão verificar até que ponto esses fenômenos dificultam a leitura.

Por essa razão, sempre que possível, serão realizados paralelos entre texto falado e texto escrito, verificando as diferenças no trato dos fenômenos identificados na fala.

## 2. DEFINIÇÃO

Repetição é a ocorrência do mesmo conjunto de palavras, duas ou mais vezes, recebendo a mesma interpretação semântica.

Por "conjunto de palavras" entenda-se a ocorrência de uma ou mais palavras, constituindo um sintagma completo ou incompleto, como em

(72) ela por exemplo ela arrumou um namorado

(E P 14)

(73) o caco de vidro acertou nele/sabe o meu tio  
também que levou um soco aqui na ... na testa//  
o resto era assim coleta da gente/sabe?/ficou

muita gente machucada (...) caco de vidro acertou nele.

(E 23 P 8)

(74) a professora de boazinha manda trabalho pra gente por telefone//de boazinha que ela é

(E 7 P 2)

Quando o conjunto de palavras repetido constitui-se de apenas um elemento, é necessário fazer restrições a fim de não considerar repetições seqüências como

(75) e acho que a primeira coisa que eu ia fazer

(E 22 P 5)

(76) o meu tio também que levou soco aqui na ...  
na testa// o resto era assim colega da gente

(E 23 P 8)

(77) meu tio no meio/ sabe?// esse homem tinha me contado porque eu tava assim/sabe?//

(E 23 P 8)

Desse modo, palavras gramaticais (artigos, preposições, conjunções etc.) e termos característicos de interação do discurso (sabe, então, né, entendeu, etc.) não serão considerados, exceto quando estiverem contíguos.

Por "mesmo conjunto de palavras" entenda-se a repetição literal do conjunto em questão ou a repetição através de pronome anáforico.

Inicialmente foram consideradas para efeito do levantamento as ocorrências em que a seqüência reaparecia literalmente repetida, como

(49) o carro//o carro já era (E 23 P 10)

Acontece, no entanto, que a segunda referência à mesma entidade raramente se faz através da reintrodução do mesmo item. Isto porque a entidade, já tendo sido enunciada, torna-se uma informação dada e como tal assume a forma de pronome. (1)

(78) o meu irmão ele adora/sabe? (E 23 P 3)

Ainda sob a denominação de "mesmo conjunto de palavras" vou me referir a ocorrências do tipo

(79) a mamãe não gosta que a gente saia muito/  
por exemplo/ esse negocio de ir la pra Sa  
vassi (...)  
Ela num gosta gosta que a gente fique sa-  
indo tambem demais. (7 P 15)

em que enunciados inteiros são repetidos e alterações no tempo e aspecto verbais ocorrem. Estas diferenças morfológicas são decorrentes da inserção do enunciado em dois momentos diferentes do discurso. O mesmo fenômeno se dá em

(80) ventilador tava virado pr'um sofã//  
isso lâ no Rio// tava os amigos da  
gente despedindo da gente que a gen  
te vinha pra BH no dia seguinte/ ã  
noite//  
na hora que eu vou ver/  
o ventilador tã virado sô pr'um la-  
do (E 7 P 10.11)

---

(1) "Em português, a oposição dado/novo tem como principal consequência sintática o fato de que a informação dada é expressa de uma maneira reduzida, sendo uma delas a pronominalização."

(Liberato, 1980:23)

pode-se ver claramente que o falante faz duas referências ao mesmo objeto e a alteração no tempo verbal decorre da própria estruturação do discurso: há uma atualização daquela informação. Com base nestes dados, foi decidido que alterações morfológicas não seriam consideradas e as respectivas seqüências seriam interpretadas como simples repetições.

### 3. O CORPUS

O material que serviu de base para este trabalho consiste em 130 (cento e trinta) minutos de entrevistas realizadas em situação informal, podendo ser consideradas típicas da fala espontânea.

As entrevistas foram do tipo não-estruturado, isto é, aquelas em que o entrevistador parte de

*"um roteiro de perguntas, podendo modificar sua forma, adaptando-o às situações particulares e às características dos sujeitos, podendo ainda seguir pautas inesperadas que se apresentem como de interesse dos informantes. Utilizando-se esta modalidade de entrevista obtém-se maior vínculo entre os interlocutores e por vezes consegue-se que os entrevistados se esqueçam de que estão participando de uma entrevista."*

(Magro, 1979: 67)

Os tópicos utilizados na elaboração do roteiro foram: jogos, diversões, a escola, os relacionamentos sociais, brigas, acidentes, doenças, aspirações. Assim, a atenção do sujeito se voltava para o assunto em pauta, envolvido em memórias e aspirações marcantes, gerando um espírito de informalidade e descontração.

Os informantes são jovens de classe média alta, com idades variando entre quatorze e quinze anos, cursando oitava série de primeiro grau. Foram entrevistados quatro sujeitos de sexo feminino e três do sexo masculino. Quatro das sete entrevistas fazem parte do material coletado por Magro (1979) e três foram feitas por mim.

Das sete fitas que constituem o corpus, selecionei 15 minutos de seis delas e 40 minutos da sétima, evitando sempre incluir os 5 minutos iniciais.

#### 4. O LEVANTAMENTO

Todas as ocorrências de repetição foram transcritas em fichas e numeradas conforme o número de entrevista (indicando assim o informante) e a página da transcrição.

A transcrição das fitas foi feita utilizando-se caracteres ortográficos. As pausas em limites sintáticos foram marcadas com uma barra, quando a intonação era de vírgula, e com duas barras, quando era de final de sentença.

A verificação da intonação foi um recurso bastante utilizado e de fundamental importância no tratamento dos casos problemáticos onde só o aspecto prosódico fornecia informações para definir a classe onde a ocorrência poderia ser inserida. Por exemplo,

(81) ah é/ é bastante sim (E 9 P 2)

(82) D. Fulana por exemplo é... é uma desgraça (E 9 P 2)

A intonação nivelada, simbolizada por reticências, permitia classificar a repetição de e em (82) como Hesitação, e a intonação normal permitia classificá-la em (81) como Repetição Reforço.

Embora o estudo intonacional das ocorrências se coloque fora do âmbito desse trabalho, é importante notar que a intonação pode fornecer informações fundamentais para a compreensão dos fenômenos relacionados às repetições.

## 5. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Cada um dos tipos de repetição distingue-se dos demais funcionalmente e pode ser caracterizado formalmente.

O procedimento para a classificação das ocorrências se baseou em uma interpretação de função comunicativa de cada uma; isto é, foi feita a pergunta: em que a presente repetição está contribuindo para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar a sequência, ou está refletindo limitações do falante ao codificá-la?

Além disso, procurou-se estabelecer uma caracterização formal, com base nos seguintes fatores:

- (a) local de ocorrência da repetição, tomando como unidade básica a sentença, do seguinte modo:
  - (a.1) posição da primeira ocorrência do segmento repetido (antes da sentença? interior da sentença?);
  - (a.2) posição da segunda ocorrência (interior da sentença? após a sentença?);

- (b) observação do contexto onde a ocorrência se inseria , tomando-se geralmente como limite o turno, verificando a correlação do segmento repetido com o tópicu discursivo estabelecido pelo entrevistador;
- (c) relação semântica do segmento repetido com o tópicu da seqüência seguinte.

Em todos os casos foi observado o tipo de relação estabelecida entre os segmentos repetidos e o material que se colocava entre eles. Até que ponto a supressão alterava ou afetava a interpretação semântica do segmento do discurso que constituía o turno? Era essencial ou não? Considerei "essencial" a seqüência que dava andamento ao tópicu discursivo em pauta e, "não essencial" se a informação veiculada se referia a um tópicu distinto. Foi possível assim identificar 92% dos casos.

### 5.1. CLASSES

Depois do levantamento das ocorrências, passou-se à classificação. Foram identificados duas grandes classes:

- 1a. Repetições que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar enunciados;
- 2a. Repetições que realizam outras funções.

CLASSE 1

Na primeira classe incluem-se, por exemplo, os casos de repetição semelhantes ao estudado por Perini (1980), onde, através da repetição, o falante reconstitui estruturas canônicas, tornando assim as seqüências mais acessíveis a estratégias sintáticas de processamento mais preferidas. Incluem-se também enunciados em que a repetição desempenha outras funções, como:

(a) Preencher a posição de sujeito em construções do tipo tópico e comentário.

(49) o carro/ o carro já era (E 23 P 10) |

(b) Marcar o item da sentença que será comentado a seguir.

(83) homem assim tem muito mais chance//  
depende da aparência//  
aparência acho que leva muito em conta  
(E 9 P 10)

(c) Enfatizar elementos da sentença

(54) deve ser por causa da colonização européia lá/  
deve ser

Em todos os casos uma das duas ocorrências do segmento repetido se coloca junto à sentença onde a outra ocorrência se insere, desempenhando ali uma função sintática. Tomando como unidade a sentença, agrupei os casos acima numa subcategoria, já que outro conjunto de

ocorrências tinha como âmbito de ação unidades que não necessariamente coincidiam com sentenças. Assim, formou-se outra subdivisão: repetições que atuam no nível do discurso, frente a repetições que atuam no nível da sentença. Nas primeiras os segmentos repetidos se distanciam um do outro, compreendendo entre si uma ou mais sentenças, determinando então unidades discursivas identificadas a partir do assunto. O segmento parentetizado pelas repetições pode, por exemplo, se referir a um personagem diferente daquele que estava sendo tratado, como nas seqüências (3-6).

(61) 1 o Sérgio explicava sabe de uma maneira que  
2 a gente entendia/ conversava com a gente//  
3 e a que entrou é muito fechada/ sabe? ela  
4 é assim mais velha/ muito brava/ também e-  
5 la dá aula em faculdade// também 'tã acos-  
6 tumada com faculdade/ né?/ o Sérgio/ sei  
7 lá/ ele ficava conversando com a gente/ sa  
8 bê?/ parecia que ele era amigo da gente 7  
9 não um professor (E7 P 3)

A estas unidades discursivas discriminadas com base no conteúdo chamei "Unidades de Assunto", observando então a correlação entre o local das repetições e sua função na determinação dessas unidades.

Já nas repetições que atuam no nível da sentença (como as estudadas por Perini), os segmentos repetidos se mantêm dentro dos limites de um período.

## CLASSE 2

Na segunda classe, a das repetições cuja ocorrência não contribui para facilitar a tarefa do ouvinte, foram identificados

dois tipos de ocorrências:

- (a) Repetição de Hesitação;
- (b) Repetição Intensificadora.

O primeiro coincide com a classe identificada como "Repeats" por Maclay e Osgood (1967).

(149) eu acho que eu ia deixar de fazer essas ...  
essas obras aí (E 23 P 4)

O segundo corresponde à classe identificada como "Intensifying Repetition" por Person (1974)

(80) uma menina linda linda linda (E 7 P 10)

## 5.2. SUBCLASSES

### 5.2.1. NÍVEIS DE ATUAÇÃO

Levando-se em conta os problemas decorrentes de limitações de desempenho de ouvinte, como limitações de memória e desvios de atenção, e a utilização de estratégias de processamento cujo objetivo é minimizar estes problemas, é possível identificar na fala recursos, usados pelo falante, que contribuem para tornar as se -

seqüências do discurso mais acessíveis ao mecanismo decodificador ,  
facilitando assim a tarefa do ouvinte.

Estes recursos consistem em :

- (a) fornecer como 'input' seqüências estruturalmente mais simples e mais completas;
- (b) realçar elementos de conteúdo que se tornarão o tópico da seqüência seguinte;
- (c) tornar contíguos e ordenados os constituintes que formam a mesma oração, e as seqüências de ações que constituem o episódio narrado (o desenvolvimento de um mesmo tópico discursivo).

Para operacionalizar estes recursos, o falante faz uso de diferentes meios como variações na intonação, repetições, etc.

Desse modo, torna-se possível descrever diferentes tipos de repetição, tomando como critério básico para a classificação o tipo de recurso que o falante visa a atingir, ou melhor, o tipo de função comunicacional que a repetição desempenha.

Pode-se inicialmente distinguir duas subclasses conforme o nível em que a repetição atua: sentença ou "unidades de assunto" . Na primeira subclasse incluem-se as repetições que tornam as seqüências mais acessíveis a estratégias sintáticas de processamento, isto é, repetições que contribuem para tornar contíguos os constituintes das orações, assim como ordená-los. Na segunda subclasse , incluem-se as repetições que enfatizam elementos de conteúdo, e/ou delimitam as "unidades de assunto".

Antes de passar à classificação propriamente dita, é prec

so tentar conceituar o que estou chamando de "unidade de assunto".

No corpus analisado, entrevistas, o assunto era determinado pelo entrevistador. A pergunta propunha um ou mais tópicos discursivos, por exemplo:

(87) bom// aqui na sua casa como é que 'cês comemoram em geral assim festas batizados aniversários natal? (E 5 P 7)

O informante, com frequência, dava uma resposta sintética, que em seguida era geralmente desenvolvida.

(88) olha é aniver// é natal/ deixa eu começar pelo natal// natal é ... oi natal reúne a família toda// minha família é muito grande/ sabe?/ mais reúne a família da minha mãe// a família do meu pai não/ porque eu tenho muita gente do meu pai que mora no interior então fica difícil// então mesmo então a gente reúne assim na casa é... de uma das irmãs ou irmãos e um vai levando um ... um prato/ um leva um peru/ o outro leva um arroz assim vai... vai um leva sobremesa/ vão fazendo assim e chega reúne todo mundo/ faz assim uma ... assim uma noite né assim um toca violão// então é um negócio assim super divertido/sabe?/

E: hum hum

I: assim todo mundo encontra né?/ agora negócio de aniversário (...)  
(E 5 P 7)

A resposta era estruturada do seguinte modo: uma síntese e um comentário cuja função é explicitar ou justificar a informação inicial. O turno do informante iniciava-se com uma síntese que pode ser considerada como uma resposta direta à pergunta.

A mesma estrutura (síntese + comentário) se manifestou também no interior do turno e não apenas no início. Pode-se notar en-

tão que o discurso do informante dividia-se em segmentos menores , que reunidos constituíam o turno. Nestes casos, a síntese inicial não podia mais ser interpretada como resposta direta à pergunta . Por exemplo,

(88.1) minha família é muito grande/ sabe?/  
mais reúne a família da minha mãe//  
a família do meu pai não/ porque eu  
tenho muita gente do meu pai que mo  
ra no interior então fica difícil//  
então esses da minha mãe mora por a  
qui mesmo então  
(E 5 P 7)

A seqüência que vai de "sabe? mais reúne (...) até "então esse da minha mãe que mora por aqui mesmo" constitui um comentário da "minha família é muito grande" e se liga ao tópico discursivo família e não a natal. Esse segmento pode ser comparado ao parágrafo, sendo a oração inicial minha família é muito grande semelhante ao que Garcia (1977) chama de tópico frasal

*"Em geral, o parágrafo-padrão, aquele de estrutura mais comum e mais eficaz, consta, sobretudo na dissertação e na descrição, de duas e ocasionalmente de três partes: a introdução, representada na maioria dos casos por um ou dois períodos curtos iniciais, em que se expressa de maneira sucinta e idêia-núcleo (é o que passaremos a chamar aqui por diante de tópico frasal); o desenvolvimento, isto é, a explanação mesma dessa idêia-núcleo: e a conclusão, mais rara, mormente nos parágrafos poucos extensos ou naqueles em que a idêia central não apresenta maior complexidade." Constituído habitualmente por um ou dois períodos curtos iniciais, o tópico frasal encerra de modo geral é conciso a idêia-núcleo do parágrafo. É (...) uma generalização, em que se expressa opinião pessoal, um juízo, ou se define alguma coisa."*

(Garcia, 1977: 192)

Considerando a seqüência inicial como expressão da idêia núcleo do

assunto que será desenvolvido a seguir e as seqüências seguintes como explanação dessa idéia, poderemos estabelecer um paralelo entre o parágrafo em textos escritos e unidades do discurso, que pasarei a denominar Unidades de Assunto.

Desse modo, podemos identificar no fragmento (88) duas unidades de assunto. A primeira se refere à festa de natal (seqüências 3 e 9-16), e a segunda se refere à família (seqüências 4 - 8).

#### 5.2.2. UNIDADES DE ASSUNTO

A unidade de assunto é um fragmento do discurso cuja seqüência inicial compõe-se de uma ou duas orações, concentrando em si os fios que orientarão a narrativa. A correlação entre a seqüência inicial e o material a seguir pode estabelecer-se de três maneiras:

(a) o material mostra que a seqüência inicial foi retomada parte por parte e comentada.

- (89) 1. eu gosto demais da conta de lidar com bicho  
2. mais assim muito mesmo  
3. principalmente cavalo bezerro esses/  
4. essas coisas  
5. gosto demais da conta//

Cada elemento da seqüência 1 é retomado separadamente. A seqüência 2 é uma paráfrase de demais da conta; a seqüência 3 explica os seres designados como bichos; e

finalmente 4 retoma a expressão gosto demais da conta, repetindo-a literalmente.

(b) O material consiste na descrição do evento resumido inicialmente.

(90) foi que eu cortei esse dedo aqui no ventilador  
mais foi coisa mínima/ sabe/  
nem ponto não precisou//  
também sou ignorante/ né//  
ventilador 'tava virado pr'um sofá/  
isso lá no Rio//  
tava os amigos todo da gente despedindo da gente  
que a gente vinha pra BH no dia seguinte.  
à noite//  
na hora que que vou ver/  
o ventilador 'tã virado só pr'um lado//  
eu falei assim/  
ah eu 'tô sentada naquele sofá de lá/  
eu quero o ventilador também//  
que era o único quarto que num tinha ar  
refrigerado/ né//  
alguém me chamou/  
eu fui  
em vez de pôr a mão naquela canudo que tem lá  
trás/  
eu pus a mão lá dentro (...) (E 7 P 11)

(c) O material refere-se a uma narração ou descrição que justifique a afirmação inicial.

(91) tem vez que a mamãe não gosta que a gente saia  
muito por exemplo esse negócio de ir lá pra Sa  
vassi// no dia que eu falo que vou lá à toa/  
aí ela não gosta/  
fala que é para eu não ir/  
tem muito assim/  
um tanto de coisas assim  
ah eu acho legal/  
ela num gosta que a gente fique saindo também  
demais  
isso ela não gosta (E 7 P 15)

## 6. RESUMO DA CLASSIFICAÇÃO

Tomando por base a função comunicativa das repetições no estilo falado, identifiquei oito tipos, distribuídos em duas categorias.

Na primeira encontram-se as repetições que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de processar enunciados falados. Seis tipos compõem esta categoria, conforme mostra o esquema abaixo. Os quatro primeiros atuam no nível da sentença e os outros dois, no nível do discurso.

### - Repetição Reconstituidora I

Função: Tornar contíguos os constituintes distanciados pela inserção, i.é., reconstituir estruturas que haviam sido fragmentadas por elementos estranhos.

(72) ela por exemplo ela arrumou um namorado  
(E 5 P 14)

### - Repetição Reconstituidora II

Função: Preencher a posição original de elementos topicalizados, reconstituindo estruturas canônicas.

(95) bagunça não tem jeio d'ocê fazer bagunça  
lá no colégio (E 5 P 2)

### - Repetição Distribuidora

Função: explicitar o tópico da nova seqüência e assegurar a coesão das seqüências do discurso.

(83) homem assim tem muito mais chance//  
depende da aparência/  
aparência acho que leva muito em conta  
(E 9 P 10)

- Repetição Reforço

Função: Enfatizar elementos da sentença.

(54) deve ser por causa da colonização européia lá//  
deve ser (E 9 P 5)

- Repetição Síntese

Função: Enfatizar elementos de conteúdo e delimitar unidades discursivas semelhantes a parágrafos, as unidades de assunto.

(126) E: imagine uma situação que você morreria de medo de passar por ela//

- 1 I: olha/morreria de medo de ser assaltada  
2 na rua//  
3 demais da conta//  
4 uma pessoa virar assim  
5 'cê vê a quantidade de assalto que  
6 tem hoje por aí//  
7 vamos supor//  
8 principalmente de carro/  
9 assalto principalmente de carro//  
10 por exemplo eu tô parada e vem uma  
11 pessoa por trás do carro/  
12 assim numa rua/ de noite né/  
13 numa rua mais deserta assim/  
14 e então entra dentro do carro  
15 e manda tocar o carro//  
16 então eu morro de medo disso// sabe?/  
17 e mesmo assim assalto em rua//  
18 E: hum hum  
19 I: assim  
20 E: aqui no Sion é bem ... é bem  
21 I: é ali perto da Grão Mogol ali  
22 E: 'cê ficou sabendo de uma menininha  
23 que foi agarrada (...) (E 5 P 10)

- Repetição Atualizadora de Cena

Função: Recolocar em "cena" informações que auxiliarão o ouvinte (e o falante) a recompor o fio central da narrativa.

- (129) E: aqui na sua casa como é que que vocês ...  
você e sua família comemoram as festas  
natal/aniversário/batizado?
- 1 I: Ô natal a gente sempre vai pra casa de uma  
2 tia minha//  
3 a gente faz um almoço/sabe?/  
4 a gente nunca faz ceia não//  
5 a gente vai pra casa da minha tia/  
6 tem sempre almoço lá//
- 7 I: assim a família da mamãe/ sabe?/  
8 e a família do papai a gente vai pra casa  
9 da minha avó/ à tarde/ depois do almoço  
10 a gente vai pra lá//  
11 encontra todo mundo lá//  
12 páscoa/ normal/ sei lá//  
13 páscoa a gente não tem muito diferença não/  
14 natal também a gente sempre vai na missa//  
15 nós nunca deixamos de ir na missa//  
16 aqui em casa é assim  
17 todo domingo a gente vai na missa/ sabe?//  
18 não é só católico de falar não//  
19 a gente vai mesmo//  
20 todo domingo a gente vai à missa//  
21 páscoa/ sei lá/ sabe?/  
22 não tem uma comemoração assim pra páscoa não  
23 claro que a gente encontra/ né?/  
24 minha tia vem aqui/ a gente vai na casa dela/sabe?//  
25 mas não tem nada de certo igual tem no natal//

Na segunda categoria estão as repetições que não contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte. Dois tipos foram identificados, conforme mostra o esquema a seguir.

- Repetição de Hesitação

Função: Fornecer um tempo extra enquanto o falante decide como continuar.

(86) e ela fica mais com ... com a minha mãe/ meu pai  
(E 9 P 10)

- Repetição Intensificadora

Função: Intensificar aspectos semânticos do item repetido.

(84) uma menina linda linda linda (E 7 P 10)

III - CLASSIFICAÇÃO DAS REPETIÇÕES SEGUNDO  
A FUNÇÃO COMUNICACIONAL

1. REPETIÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA FACILITAR A TAREFA  
DO OUVINTE

1.1. Repetições que atuam no nível da Sentença

1.1.1. Repetição Reconstituidora I

Função : Tornar contíguos os constituintes distan -  
ciados pela inserção, isto é, reconstituir  
estruturas que haviam sido fragmentadas por  
elementos estranhos.

(92) desde menina a M.E. tinha o costume/  
ela tinha uma bicicleta de marcha/  
isso deve ter uns dois anos atrás//  
ela tinha o costume de andar pra tudo  
quanto e lugar. (E 5 P 14)

O segmento repetido tem a estrutura sujeito-verbo-núcleo do obje -  
to. O nome costume é núcleo do objeto cujo complemento nominal se  
encontra distanciado, pois uma inserção fragmenta o SN costume de  
andar pra tudo quanto e lugar. A inserção consiste em duas orações  
que se mantêm independentes da oração fragmentada.

1.1.1.1. O papel da Repetição

O falante, ao invés de simplesmente completar a oração , repete a porção inicial ela tinha o costume para em seguida enunciar a porção final. Através da repetição o falante recoloca na memória do ouvinte os elementos que lhe permitirão recompor a unidade sintática que havia sido interrompida pela inserção. Desse modo evita a sobrecarga da memória, facilitando a identificação e a associação das porções inicial e final da estrutura fragmentada pela inserção.

Se suprimimos a segunda ocorrência do segmento repetido , podemos ver como a integração dos constituintes da oração interrompida torna-se mais difícil.

(92) § desde menina a M.E. tinha o costume  
ela tinha uma bicicleta de marcha//  
isso deve ter uns dois anos atrás//  
de andar pra tudo quanto é lugar

Para processar (92)§, o ouvinte teria de armazenar na memória de curto termo a porção inicial, ela tinha o costume recodificar as duas orações seguintes e então associar a seqüência de andar pra tudo quanto é lugar ao fragmento inicial. Como a memória de curto termo tem capacidade muito limitada, existe em (92)§ a possibilidade de a seqüência inicial se perder antes que a seqüência final da oração seja introduzida. Este perigo já não existe em (92) porque o trabalho de tornar contíguos os constituintes foi realizado pelo falante, facilitando assim a tarefa do ouvinte ao proces -

1.1.1.2. Interpretação do Fenômeno do Processo de Reconstituição

Os enunciados com Repetição Reconstituidora I evidenciam um fenômeno interessante: a oração é "sentida" como uma unidade pelo falante. Isto é, qualquer ruptura na sentença leva à repetição (reconstituição) de toda a porção já enunciada. Por exemplo, nos casos de retificação do enunciado (quando o falante corrige a si mesmo), de ocorrência de elementos estranhos como apostos ou elementos deslocados, existe uma tendência de repetir toda a oração como em

(67) a primeira vez que nós fomos/  
uma das primeiras vezes que nós fomos na  
na hípica/ um cara caiu do cavalo (E 7 P 14)

(O falante substituiu a expressão a primeira vez por outra menos precisa, e repetiu a parte da sentença que complementava aquela expressão).

(72) ela por exemplo ela arrumou um namorado  
(E 5 P 14)

(A expressão por exemplo é um elemento estranho à oração).

(93) a Silvinha/ essa filha da D. Fulana/  
ela não tem vontade própria (E 7 P 5)

(A ocorrência do aposto entre o sujeito e o verbo leva o falante a repetir a oração.)

- (94) a gente tem toda quinta-feira  
a gente tem uma aula (E 5 P 5)

(O adjunto adverbial deslocado leva à repetição da oração.)

Os enunciados (72) e (94) manifestam o fenômeno descrito por Perini (1980) como repetições cuja função é reconstituir seqüências acessíveis à estratégia do sentôide de canônico. Levando em conta a etapa de processamento relativa à introdução do material oferecido com 'input' ao ouvinte na memória de curto termo, ou mais especificamente à etapa de fatiamento da informação, Perini observa que

*"Sabe-se desde o trabalho de Miller (1956), que a memória imediata (ou "de curto termo") tem uma capacidade muito limitada, podendo armazenar apenas cerca de "sete, mais ou menos duas" fatias de informação (na conta de Miller). (...) Uma fatia pode variar de comprimento. (...) Entretanto, não se deve pensar que uma fatia pode ser armazenada na memória imediata como uma seqüência não estruturada de elementos. As pesquisas nesse particular deixam bem claro que a condição para que uma seqüência de elementos possa ser incluída em uma fatia única é que essa seqüência seja interpretada como realização de uma unidade de ordem superior (...) Esse processo de estruturação de unidades em unidades maiores é, obviamente, crucial para a percepção sintática. (...)*

*É necessário admitir que antes que uma seqüência sintática seja armazenada na memória imediata, um mecanismo pré-analisa a seqüência, interpretando partes dela como realizações de unidades de nível superior. Esse mecanismo tem a sua disposição um certo número de estratégias, que se ordenam segundo uma espécie de ordem de preferência (...).*

(Perini, 1980: 115-117)

Perini propõe então que o enunciado com repetição se divide em três fatias

(72) ela por exemplo ela arrumou um namorado  
1 2 3

e conclui que a repetição não-contígua facilita o processamento dos enunciados porque

*"a fatia 3 é acessível a uma das primeiras estratégias na ordem de preferência - precisamente a estratégia do sentido canônico."*

(idem)

Os enunciados onde estruturas do tipo (a) sujeito-verbo-objeto ; (b) sujeito-verbo intransitivo e (c) sujeito-verbo de ligado-predicativo são reconstituídas por repetições perfazem 72,5% das ocorrências de Repetição Reconstituidora I.

Os outros 37,5% compõem-se de seqüências em que o segmento repetido e o material à direita imediatamente à direita constituem outras estruturas, como em (67) e (92). A razão que me levou a incluir esses enunciados numa só classe foi o fato de a presença da inserção tornar menos canônica a estrutura do enunciado, como em

(67) a primeira vez que nós fomos/ uma das primeiras vezes que nós fomos na hípica um homem caiu do cavalo  
(E 7 P 14)

(67) § a primeira vez que nós fomos  
uma das primeiras vezes na hípica um homem caiu do cavalo

(148) o pessoal vai todo dia lá pra/ todo domingo nê?/  
pra casa do meu avô. (E 10 P 6)

(148) § o pessoal vai todo dia lá pra/ todo domingo nê?/  
casa do meu avô

1.1.1.3. Sumário

Sob a denominação de Repetição Reconstituidora I estão reunidos os casos em que a repetição visa a reconstituir estruturas canônicas.

O segmento repetido, que inicialmente é um fragmento, parece inserido numa sentença, realizando-se então mais rápido e mais baixo, sem força enfática. Esse segmento é quase sempre a porção inicial da oração, podendo corresponder a sujeito, sujeito e verbo ou adjunto adverbial.

O material que se interpõe entre os segmentos repetidos pode ser suprimido sem que a estrutura reconstituída torne-se incompleta. Repetições desse tipo são muito frequentes no estilo falado.

### 1.1.2. Repetição Reconstituidora II

Função: Reconstituir estruturas canônicas, preenchendo a posição original de elementos topicalizados. (1)

(95) bagunça não tem jeito d'ocê fazer bagunça lá no colégio não (E 5 P 2)

A repetição do item bagunça preenche a posição de objeto direto na oração subordinada da sentença-comentário. Ao repetir, o falante tornou a seqüência acessível a estratégias sintáticas de processamento (mais especificamente, a estratégia do sentóide canônico, conforme foi comentado no capítulo precedente).

Comparemos (95) com uma versão em que a segunda ocorrência do segmento repetido foi suprimida, observando de que modo a supressão dificulta a tarefa do ouvinte na decodificação deste enunciado.

(95)§ bagunça não tem jeito d'ocê fazer lá no colégio

A seqüência (95)§ é sem dúvida menos canônica do que (95).

#### 1.1.2.1. Realização do Segmento Repetido

As Repetições Reconstituidoras II podem ser literais ou

(1) Estou afirmando de topicalização tanto os casos em que o item deslocado para a esquerda deixa um pronome anafórico em seu lugar como os casos em que a posição do item fica vazia.

anáforicas, sendo este último tipo mais freqüente.

(96) estudo eu não gosto muito disso (E 23 P 4)

(97) o meu irmão ele adora (E 23 P 3)

O elemento repetido pode ser um nome, um verbo ou um adjetivo, sendo que a primeira ocorrência sempre se coloca à esquerda da sentença, podendo por isso ser interpretada como tópico, já que a mesma relação semântica se estabelece em todos os casos.

#### Topicalização de SN sujeito

Com freqüência o SN topicalizado é o sujeito da sentença. Nesses casos podem ocorrer exclamações logo após o tópico.

(48) A Fátima não ela é incrível (E 7 P 7)

A supressão do segmento repetido tornaria não-contíguos os segmentos que formam a oração, o que levaria a considerar estes enunciados como casos em que ocorrem Repetições Reconstituidoras I. No entanto, seqüências sem exclamações levam a concluir que a exclamação não é fator determinante para a ocorrência de repetição.

#### Topicalização de outros SNs

Qualquer SN da sentença pode ser topicalizado e não apenas o SN sujeito.

*"na verdade, em português qualquer SN pode ser tópico. Damos a seguir exemplos em que o tópico corresponde a diferentes funções na sentença: objeto direto, objeto indireto, adjuntos adnominais, complemento nominal, adjunto circunstancial, adjunto predicativo, sujeito."*

(PONTES, 1981: 403-404)

É interessante notar que a topicalização de SNs que desempenham as funções de adjuntos adnominais, circunstanciais ou complemento nominal nem sempre faz com que sua posição original seja preenchida por repetição. São mais típicos os enunciados onde tal posição fica vazia, como

(98) matemática levei recuperação (E 10 P 11)

(99) português eu tava na esperança de passar  
(E 10 P 11)

A função sintática do SN topicalizado parece ter relevância para o aparecimento ou não da repetição. O falante prefere preencher as posições de sujeito e objeto (73,5% dos casos). Estes dados parecem confirmar que estruturas do tipo sujeito-verbo-objeto, sujeito-verbo de ligação-predicativo são preferencialmente reconstituídas pelo falante.

#### Topicalização de adjetivos e verbos

Parece-me caso claro de Repetição Reconstituidora II a dupla ocorrência de verbos e adjetivos, como em

(100) cortou aqui que cortou mais (E 7 P 11)

(101) muito esquisita ela é esquisita mesmo  
(E 7 P 4)

Chafe (1976:28) faz referência ao modo como elementos do enunciado são organizados ("packaging") de modo a marcar a informação transmitida como: (a) dado e novo; (b) contrastivo; (c) definido ou indefinido; (d) sujeito; (e) tópico e (f) ponto de vista. Denomina status a cada uma dessas marcações e observa que

*"I will speak of various statuses which a noun may have. (...) The restriction of the discussion to the statuses of nouns is arbitrary. Some of these statuses - quite clearly givenness and contrastiveness, for example - apply equally well to verbs, though not all of them do. The emphasis on nouns here is purely expository."*

(CHAFE, 1976:28)

Os enunciados (100) e (101) exemplificam casos em que o status tópico é atribuído a outras palavras e não a substantivos, confirmando a possibilidade de variação asseverada por Chafe.

#### 1.1.2.2. "False Starts" e Tópico

Maclay e Osgood classificam como "False Starts"

*"all incomplete or self-interrupted utterances. (...) False Starts seem to cover much the same ground as is included in the terms aposiopesis and anacolouthon."*

(Maclay e Osgood, 1967: 309)

Os anacolutos são construções com tópico (cf. Pontes, 1981:64). A distinção entre tópico e "False Starts" é às vezes difícil. Pontes (1981: 427), em nota, menciona o seguinte dado:

*"Houve um caso semelhante a este (i.e. construções com tópico), mas que me pareceu mais uma mudança de que se ia dizer:*

| 102 | *"lá não tem muito eucalipto não/nê?" (1)*  
*"os eucaliptos... lá eles têm uns bons eucaliptos"*

A dúvida quanto a ser tópico ou ser uma mudança de plano pode ser dissipada se levarmos em conta a relação semântica estabelecida entre o elemento à esquerda e a sentença. Casos como

(103) no/ quando eu tava no segundo ano (E 7 P 3)

(104) assim porque/ é bom porque (E 7 P 10)

são claramente identificados como mudança de plano porque não estabelecem com a sentença uma relação que pode ser definida como de

*"to limit the applicability of the main predication to a certain restrict domain."*

(Chafe, 1976: 50)

Quanto à distinção entre enunciados "duvidosos" como (102) e enunciados "típicos" como

(105) e a Rosa?  
a Rosa eu falei com ela ontem

---

(1) Estes enunciados são de Pontes (1981) com numeração minha.

parece não ser necessária se considerarmos que

- (a) o falante tende a introduzir sua fala repetindo um dos elementos a fala do interlocutor; (1)
- (b) que a escolha do elemento a ser introduzido não é aleatória, daí o falante escolher para introduzir o turno o item sobre o qual se fará um comentário, isto é, o tópico.

As Repetições Reconstituidoras II contribuem para que sejam oferecidas como 'input' ao ouvinte estruturas mais completas, pois preenchem a posição de itens topicalizados, principalmente quanto estes originalmente ocupam as posições de sujeito ou objeto.

#### 1.1.2.3. Repetição Reconstituidora I e Repetição Reconstituidora II

A distinção entre as Repetições Reconstituidoras I e II se deve ao tipo de fator que interfere na oração. Na primeira a inserção age distanciando os constituintes da oração; na segunda, a topicalização deixa vazias posições dentro da sentença (já que nenhuma relação sintática se estabelece entre o tópico e a sentença comentário (cf. Pontes, 1981:339).

É possível ainda apontar outra diferença entre esses dois tipos de repetição, diferença esta decorrente da primeira. Trata-se do tipo de alteração formal que a supressão do segmento repeti

---

(1) "Uma das funções da repetição no início do turno do que foi dito pelo outro interlocutor é manter a unidade temática e, ao mesmo tempo, tomar a palavra cortesmente." (Cabraal, Martin, Chiari, 1981: 126).

do acarreta no enunciado. Na primeira, os constituintes permanecem distanciados, isto é, tornam-se não-contíguos. Por exemplo ,

(94) a gente tem toda quinta-feira a gente tem  
uma aula (E 5 P 5)

(95) § a gente tem toda quinta-feira uma aula

Na segunda, Repetição Reconstituidora II, os elementos ficam fora de ordem (exceto no caso do SN sujeito).

(96) estudo eu não gosto muito disso (E 23 P 4)

(96) § estudo eu não gosto muito

Em nenhum dos casos a supressão da segunda ocorrência do segmento repetido altera a interpretação semântica do enunciado, o que parece indicar que estas repetições visam a tornar a estrutura perceptualmente mais simples e fácil, do ponto de vista sintático.

#### 1.1.2.4. Sumário

Chamei de Repetição Reconstituidora II o conjunto de ocorrências em que a repetição visa a preencher a posição do elemento que foi topicalizado. A primeira ocorrência do segmento repetido é, portanto, o tópico da sentença.

Com a repetição, a estrutura da seqüência torna-se ordenada e mais completa.<sup>(1)</sup> O material que se coloca entre as duas ocor-

---

(1) Antes do tópico a preposição não aparece, já na repetição ela está pre-

rências do segmento repetido não pode ser suprimido, pois assim a estrutura reconstituída fica incompleta (exceto nos casos em que o sujeito é topicalizado). Esse tipo de repetição se realiza sem força enfática, isto é, mais baixo e mais rápido.

---

sente.

(141) polícia o pessoal da polícia chega irritado. (E 22 P 7)

### 1.1.3. Repetição Distribuidora

Função: Explicitar o tópicico da nova seqüência e as segurar a coesão das seqüências do discurso.

(83) homem assim tem muito mais chance//  
depende da aparência//  
aparência acho que leva muito em conta  
(E 9 P 10)

A segunda ocorrência do item aparência marca o início de uma nova seqüência da qual é o tópicico. A identidade formal e semântica das duas ocorrências deste item assegura a coesão entre a nova seqüência e a anterior.

Ao explicitar o tópicico, a Repetição Distribuidora contribui para a identificação do item sobre o qual se fará a seguir um comentário. O tópicico tem papel semelhante ao do título em textos escritos,

*"the topic sets a spatial, temporal or individual framework within which the main predication holds."*

(Chafe, 1976: 50)

A marcação do tópicico prepara o ouvinte, controlando de certo modo suas expectativas quanto ao que virá a seguir.

#### 1.1.3.1. Realização do Segmento Repetido

A seqüência formada pela segunda ocorrência do segmento repetido e o respectivo complemento pode corresponder sintaticamente

a

(a) tópico + comentário

(83) depende da aparência/  
aparência acho que leva muito em conta  
(E 9 P 10)

(b) uma sentença onde o primeiro SN é tópico e sujeito

(106) ela deu um corde/ sabe/  
o corde foi superficial (E 7 P 14)

(c) um sintagma que não chega a formar uma sentença

(13) eu vou ser recepcionista lá/  
lá da firma do papai. (E 7 P 7)

Do ponto de vista que me interessa aqui, a diferença não é relevante, pois em todos os casos a nova seqüência não é meramente uma construção em que um dos itens da seqüência anterior reaparece inserido, mas é um enunciado que demonstra ter o falante retomado determinado item como ponto de partida. Dentre os casos de Repetição Distribuidora há um especial que é claramente distinto dos anteriores. Trata-se de casos em que o falante repete o item a fim de retificá-lo.

(107) Olha/  
tinha uma diretora lá no  
diretora não/coordenadora//  
o nome dela é D. Marina (E 5 P 5)

O falante interrompe o enunciado (linha 2) e retoma o item que vai ser corrigido, diretora, repetindo-o e acrescentando-lhe a partícula não. Em seguida o substitui por outro item, coordenadora. Caso se tratasse de um texto escrito, esse procedimento corresponderia simplesmente a apagar o item inadequado e escrever outro em seu lugar.

Levando-se em conta as peculiaridades do estilo falado, principalmente que o ato de fala, por se desenrolar exclusivamente no tempo, é por isso imutável, uma vez executado; qualquer tentativa de retificar itens deixa marcas no enunciado. Uma dessas marcas é, conforme vimos, a repetição do item e o acréscimo da partícula não.

Itens de várias classes gramaticais podem vir a ser o ponto de partida da nova seqüência.

(a) Nomes

A repetição pode ser literal ou anafórica, sendo esta última a forma mais freqüente. O elemento repetido, por ser uma informação dada, toma preferencialmente a forma de pronome; quando a repetição é literal, o nome vem precedido de artigo definido.

(108) já tive aula com a Dulce//  
ela é lá do centro// (E 7 P 5)

(106) ele deu um corte//  
o corte foi superficial (E 7 P 14)

(b) Adjetivos

(109) ela ficava preocupada porque tava dormindo  
fora/ sabe?//

preocupada de acontecer alguma coisa lá  
onde oce tava dormindo (E 7 P 15)

(c) Advérbios

(13) eu vou ser recepcionista lá// lá da firma do  
papai (E 7 P 7)

(d) Pronomes

(110) eu puxei ela com muita forma//  
ela é pesadona pra danar (E 10 P 9)

(e) Verbos

(111) meu pai nunca proibiu também não/  
que ele só falava que que ele achava//  
achava só que num devia ser de turma  
(E 5 P 12)

(f) Numerais

(12) ela arrumou um namorado/  
ela contando pra gente//  
de dezoito anos/  
dezoito ou dezenove eu acho//  
entao ela sumia (E 5 P 14)

1.1.3.2. O Papel da Repetição

Parece que o falante tem tendência a iniciar novas seqüên-

cias, partindo de itens já mencionados, o que resulta em Repetições Distribuidoras. Essa tendência pode ser notada também no início do turno. O falante geralmente retoma fragmentos do enunciado do interlocutor. Por exemplo,

- (112) E: também eu falo aqui agora uma pessoa  
que nunca foi no hospital  
I: hospital assim eu já fui numa clínica  
(E 5 P 9)

- (113) E: você gosta/ não gosta/ você tem queixa/  
ocê... cê acha que você tem liberdade  
por exemplo?  
I: ah isso! liberdade é coisa que eu  
mais tenho/ sabe?// (E 10 P 7)

Conforme observam Cabral, Martim e Chiari (1981: 126), ao estudarem os fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa (dentre eles as repetições semelhantes às dos enunciados (12) e (112-113),

*"uma das funções da repetição no início do turno do que foi dito pelo interlocutor é manter a unidade temática e, ao mesmo tempo, tomar a palavra cortesmente."*

(Cabral et alii, p. 126)

Estas considerações parecem confirmar a função atribuída aqui ao tipo de repetição estudado, as Repetições Distribuidoras, que é encadear a nova seqüência à anterior, assegurando a coesão entre os segmentos do discurso (monólogos ou diálogos).

A Repetição Distribuidora manifesta um fenômeno típico do estilo falado, a saber: a justaposição de estruturas completas, umas ao lado das outras, sem estabelecer formalmente entre as orações qualquer relação coordenativa ou subordinativa.

A dupla ou tripla ocorrência do mesmo item depende do número de predicados que lhe são atribuídos; apenas um predicado é atribuído de cada vez. Na escrita, as ocorrências do mesmo item em enunciados como

(114) a mãe dele foi chamada no colégio//  
a mãe dele chorou de rir na hora que  
ficou sabendo (E 7 P 2)

(111) ele só falava o que ele achava//  
achava só que num devia ser de turma  
(E 5 P 12)

são "substituídas" por recursos sintáticos que relacionam os vários predicados ao mesmo item, ao mesmo tempo.

(114) § a mãe dele foi chamada no colégio e  
chorou de rir na hora que ficou sabendo

(111) § ele só falava que não devia ser de turma

(111.1) § ele só falava o que ele achava, isto é,  
que não devia ser de turma

(Em (114) § há inserção da conjunção e e a repetição é substituída por anáfora zero. Em (111) § há supressão do pronome ele, do verbo achava e o pronome substantivo o foi substituído pela oração que não devia ser de turma. Em (111.1) § há supressão do elemento repetido achava e a inserção da expressão denotadora de designação isto é.)

A ocorrência de repetições no estilo falado contribui para que estruturas mais simples e mais completas sejam oferecidas como 'input' ao ouvinte, evitando seqüências em que vários predicados se juntem ao mesmo sintagma nominal (como em (114) §).

Do ponto de vista funcional, a repetição evidencia a tendência do falante a enunciar seqüências curtas com tópicos explícito, seqüências estas que se mantêm interligadas através da repetição. O falante fragmenta o discurso em pequenas unidades.

(38) a gente tava atrás dele//  
só que a gente tava noutro carro  
a gente tava de Brasília (E 23 P 10)

(115) ela dá aula/  
ela é professora de inglês também//  
ela falou isso (E 5 P 6)

(116) ela mantêm uma unidade/  
ela agrupa as pessoas/  
ela/ entendeu? ela une/ (1)  
ela forma amigos// (E 22 P 3)

A justaposição de orações gera paralelismo entre as estruturas sintáticas das seqüências. Alguns autores vêem nesse paralelismo um recurso enfático (Cf. Garcia, 1977: 258). Sem deixar de considerar a ênfase como forte motivação para a ocorrência de repetições nos enunciados (106) a (114) e (83), parece-me que a motivação essencial reside na necessidade de facilitar o processamento. No enunciado a seguir, por exemplo, a ausência de repetição exigiria a reestruturação da seqüência.

(12) ela arrumou um namorado/  
ela contando pra gente/  
de dezoito anos/dezoito ou dezenove  
eu acho//  
mas o namorado tinha uma moto//  
ela sumia

---

(1) Na seqüência "ela/entendeu/ela une" temos Repetição Reconstituidora I, isto é, repetição motivada pela fragmentação da estrutura sujeito-verbo por inserção.

Não me parece que a repetição de namorado possa ser interpretada como um recurso enfático.

1.1.3.1. Repetição Distribuidora e Repetição Reconstituidora I

Em certos casos as Repetições Reconstituidoras I aproximam-se bastante das Repetições Distribuidoras, mas não chegam a se confundir. Compararemos inicialmente os enunciados, onde os dois tipos encontram-se, respectivamente, exemplificados.

(94) a gente tem toda quinta-feira  
a gente tem uma aula (E 5 P 7)

(38) a gente tava atrás dele  
a gente tava noutro carro  
a gente tava de Brasília (E 23 P 10)

A correlação um a um entre os argumentos e o verbo parece indicar que temos Repetição Distribuidora nos dois enunciados. Desse modo, o sintagma adverbial toda quinta-feira não seria interpretado como constituinte deslocado e, conseqüentemente, não poderia ser considerado inserção, traço esse que caracteriza as Repetições Reconstituidoras I.

Acontece, no entanto, que sintagmas adverbiais podem ocorrer no interior estruturas sujeito-verbo-objeto, estabelecendo contextos onde a correlação verbo/argumento não pode ser depreendida.

(117) A gente tava num de tarde

a gente tava num barzinho sentado lá

(E 23 P 7)

Aqui percebe-se nitidamente que o falante reconstituiu a oração; é como se voltasse atrás de recomeçasse a "fatia" de informação. A repetição de toda a porção inicial da oração nas Repetições Reconstituidoras é quase sistemática; já nas Distribuidoras é causal, sendo geralmente repetido apenas um item da oração. (ver exemplo (83), (106), (13) ).

A possível repetição da porção inicial da oração leva à seguinte questão: Como distinguir nesses casos os dois tipos de repetição?

A intonação é a pista mais evidente. Na Repetição Reconstituidora I, a seqüência repetida se realiza mais baixo e mais rapidamente. Já na Distribuidora não há diferença entre as duas realizações do segmento repetido. Também do ponto de vista sintático, é possível distinguí-las.

Considerando a divisão do enunciado em quatro partes, simbolizando por A e B, respectivamente, a primeira e a segunda ocorrência do segmento repetido; por Y o material que se coloca entre A e B; e por Z o material que segue B, teremos:

(94) a gente tem toda quinta-feira

A

Y

a gente tem uma aula (E 5 P 7)

B

Z

(38) a gente tava noutro carro

A

Y

a gente tava de Brasília (E 23 P 10)

B

Z

1. Na Repetição Reconstituidora I os segmentos Y e Z nunca desempenham a mesma função sintática, já nas Repetições Distribuidoras isso sempre ocorre.
2. Na Repetição Reconstituidora I o segmento Y pode quase sempre ser interpretado como um recomeço. Já na Distribuidora essa possibilidade é remota.

(94) § toda quinta-feira a gente tem uma aula

(38) § noutra carro a gente tava de Brasília

#### 1.1.3.4. Sumário

As Repetições Distribuidoras visam a evidenciar o item da seqüência anterior sobre o qual se fará imediatamente um comentário. Assim, a repetição assegura a coesão entre as seqüências do discurso.

Na verdade, tem-se aqui duas funções: (a) marcar o novo tópico e (b) distribuir predicados, de modo a fornecer ao ouvinte estruturas mais simples, mais completas, evitando-se, por exemplo, elipse do sujeito e/ou do verbo. A função (b) está de certo modo presente em todos os casos, embora a função (a) nem sempre esteja, pois no caso em que o item repetido é sujeito, por exemplo, este pode muitas vezes não ser o tópico. Se as funções (a) e (b) se realizam juntamente, então o segmento repetido é verbalizado com força enfática, nos outros casos não há ênfase.

Esse tipo foi o mais freqüente no corpus. Parece se tratar

de um caso fronteiro entre as repetições mais enfáticas e as menos enfáticas, isto é, coloca-se entre as repetições que funcionam como marcadores de itens semanticamente relevantes para chamar a atenção do ouvinte e aquelas que funcionam apenas como elo entre os segmentos do discurso.

1.1.4. Repetição Reforço

Função: Enfatizar elementos da sentença.

(54) deve ser por causa da colonização européia  
lá// deve ser (E 9 P 5)

Através da repetição do segmento deve ser, o falante enfatiza o aspecto dubitativo do enunciado. A intonação é também indicadora da intenção do falante de realçar este aspecto, no caso, os itens repetidos recebem também contrastivo.

Persson (1974), analisando seqüências semelhantes em inglês, como

118 ... and it was a horror film or something  
and he kept frightening her.  
Frightening her! (E C P 74)

menciona

*"repetition that reinforces or draws attention to a concept, be it a single item, a phrase, or some larger unit of speech, for purposes of focus or contrast, or in order to impart some emotive connotation to what is repeated."*

(Persson, 1974: 50)

Tais considerações são válidas também para o português tanto no que diz respeito à função como à estruturação do segmento repetido. Esse segmento pode corresponder a:

(a) Fragmentos de constituintes

(53) detesto médico// detesto (E 21 P 8)

(b) Constituintes completos

(121) tem natal que é na minha casa//  
que é na minha casa (E 22 P 6)

1.1.4.1. O Papel da Repetição

A função da Repetição Reforço é minimizar os efeitos de limitações de desempenho do ouvinte, tais como falhas de atenção. É possível interpretar este tipo de repetição como um recurso para dirigir a atenção do ouvinte para elementos do enunciado que o falante julga importantes e que, segundo seu próprio juízo, podem não ter sido percebidos pelo ouvinte (ie. podem não ter sido suficientemente notados) durante a primeira enunciação.

A função enfática da Repetição Reforço manifesta-se também através do complemento que, em alguns casos, segue a segunda ocorrência do segmento repetido. Este complemento é ou (a) uma expressão típica de realce ou (b) uma paráfrase do segmento repetido, conforme mostram, respectivamente, os enunciados abaixo:

(122) levou os dois//os dois/mesmo (E 7 P 10)

( 79) a mamãe não gosta que a gente saia muito  
(...) ela num gosta que a gente fique  
saindo também demais/ isso ela não gosta//  
(E 7 P 15)

Kotsinas (1981) atribui a função de acentuar palavra-chave a repetições do tipo

[ 119 ] wife my wife stay home

Parece-me que o recurso que enfatiza o item não é a repetição, mas sim o deslocamento do item para a esquerda. Já nos enunciados (79), (118), (55), (100), (101) é o deslocamento para a direita. Há realmente certo paralelismo entre os enunciados (79) e [119], parece-me possível relacionar ocorrências com deslocamento para a esquerda e as com deslocamento para a direita, atribuindo-lhe função semelhante: enfatizar elementos, orientando a atenção do ouvinte sobre os elementos deslocados. Assim sendo, a Repetição Reforço pode ser interpretada como "topicalização" à direita.

(12) eu acho que eu li dois livros// eu acho  
(E 9 P 4)

#### 1.1.4.2. Realização do Segmento Repetido

As Repetições Reforço podem ser literais ou não-literais, embora as literais sejam bem mais frequentes. Quanto à disposição dos segmentos repetidos, estes podem ocorrer contíguos ou não-contíguos, conforme mostram, respectivamente, os enunciados abaixo.

(123) senão não dá/ não dá mesmo (E 9 P 6)

( 54) deve ser por causa da colonização europeia lá// deve ser (E 9 P 5)

Quando as Repetições Reforço são não-contíguas, o material que se interpõe entre os segmentos repetidos pode corresponder a (a) o restante da sentença onde a primeira ocorrência do segmento repetido se insere:

(54) deve ser por causa da colonização europeia lá// deve ser (E 9 P 5)

(b) uma sentença

(124) detesto matemática//  
já num dou pra ciências// já detesto matemática//<sup>(1)</sup>  
(E 21 P 7)

Conforme já comentamos, a repetição pode ser literal ou não. A estrutura do segmento repetido influi no tipo de realização: quando este segmento corresponde à sentença, um pronome anafórico substitui o SN presente na primeira ocorrência, podendo haver ainda mudanças na ordenação dos constituintes que compõem o enunciado.

(79) ela não gosta que a gente fique saindo  
também demais//  
isso ela não gosta (E 7 P 15)

O pronome isso substitui o SN que a gente fique saindo também demais.

Muitas vezes há alterações morfológicas que não implicam necessariamente em significativa alteração semântica significativa.

---

(1) Conforme notei acima (Seção 1.2), elementos como já estão sendo desprezados.

do enunciado, isto é, podem ser interpretadas como diferenças condicionadas pela própria reintrodução da mesma seqüência em dois momentos diferentes no discurso. Por exemplo, segmento (61).

#### 1.1.4.3. A Reduplicação do não

No português falado, a reduplicação da partícula não apresenta certas características que permitem interpretá-la como Repetição Reforço:

1. as duas ocorrências podem aparecer contíguas ou não-contíguas;
2. a segunda ocorrência do elemento repetido é pronunciada com força enfática;
3. a elipse da segunda ocorrência não altera a interpretação semântica da sentença;
4. a segunda ocorrência do item repetido se coloca geralmente imediatamente após o final da sentença, onde a primeira ocorrência se insere.

Hã, porém, dois aspectos que afastam estas ocorrências dos outros casos típicos. Primeiro, a reduplicação da partícula não é um recurso cristalizado na língua, isto é, um recurso enfático estereotipado. A propósito de um fenômeno análogo que ocorre em inglês, a reduplicação there there, Persson faz a seguinte observação:

*"Repetitive stereotypes are common among formulaic items, that is, obligatory repetitions such as the consolatory "there there", (1)*

(1) Em português, teríamos "num sei que lá/nem sei que lá", por exemplo.

*of which the iteration is more likely to occur than the single item. Here, and in many other cases, the repetition may be regarded as the result of the formalization of an originally much more forceful emphatic device".*

(Persson, 1974: 166)

Outro aspecto que distingue a reduplicação da partícula não de casos típicos de Repetição Reforço diz respeito ao grupo tonal onde a segunda ocorrência do item repetido se inscreve. Se o não é repetido, este item se coloca no mesmo grupo tonal que a parte final da sentença, isto é, não há pausa entre o último elemento da sentença e o item repetido, como em

(125) eu num gosto dela não// (E 7 P 4)

Se, no entanto, o item repetido é outro elemento, há pausa entre o final da sentença e a repetição, formando-se então dois grupos tonais.

(54) deve ser por causa da colonização européia  
já/ deve ser (E 9 P 5)

Por estas razões não foram computadas as ocorrências de repetição em que há reduplicação do não, como em (125).

#### 1.1.4.4. Repetição Reforço & Repetição Distribuidora

Conforme já observamos (1.1.3), é possível atribuir à Repetição

tição Distribuidora uma função enfática, sendo essa aliás o ponto de contato entre esse tipo de repetição e a Repetição Reforço. Outra semelhança é o aparecimento do segmento repetido no início da nova seqüência.

Há, entretanto, uma diferença fundamental. Ao repetir, o falante, na Repetição Distribuidora, marca o elemento mais importante da nova seqüência. Ao passo que, na Repetição Reforço, ao repetir, o falante marca o elemento mais importante da seqüência anterior, aquela que acabou de ser concluída. Outra distinção pode ser notada no tipo de informação veiculada pelo comentário que segue o elemento repetido. Na Distribuidora, o comentário traz informação nova, o que não acontece na Reforço. Nessa o comentário é simplesmente redundante (ver exemplos (12) e (122)).

#### 1.1.4.5. Sumário

Sob a denominação de Repetição Reforço estão reunidos os casos de repetição cuja função é realçar itens do enunciado, chamando a atenção do ouvinte quer através da repetição propriamente dita, quer em certos casos acrescentando ao item repetido expressões típicas de realce.

Estas repetições são freqüentes no estilo falado. A segunda ocorrência do segmento repetido ocorre, na maioria das vezes, após o final da sentença onde a primeira ocorrência se insere, mas, em alguns casos, acontece também no interior da sentença (ver exemplo (81)).

1.2. Repetições que Atuam no Nível do Texto

1.2.1. Repetição Síntese

Função: Enfatizar elementos de conteúdo e delimitar unidades discursivas semelhantes a parágrafos, as unidades de assunto.

- (126) E: imagine uma situação que você morreria de medo de passar por ela//  
1 I: olha/morreria de medo de ser assaltada  
2 na rua//  
3 demais da conta//  
4 uma pessoa virar assim  
5 'cê vê a quantidade de assalto que  
6 tem hoje por aí//  
7 vamos supor//  
8 principalmente de carro/  
9 assalto principalmente de carro//  
10 por exemplo eu tô parada e vem uma  
11 pessoa por trás do carro/  
12 assim numa rua/ de noite nê/  
13 numa rua mais deserta assim/  
14 e então entra dentro do carro  
15 e manda tocar o carro//  
16 então eu morro de medo disso// sabe?/  
17 e mesmo assim assalto em rua//  
18 E: hum hum  
19 I: assim  
20 E: aqui no Sion é bem ... é bem  
21 I: é ali perto da Grão Mogol ali  
22 E: 'cê ficou sabendo de uma menininha  
23 que foi agarrada (...) (E 5 P 10)

As linhas 1-2 e 16-17 são versões da mesma sentença, apresentando algumas diferenças morfo-sintáticas, não semânticas:

- 1-2 morreria de medo de ser assaltada na rua  
16-17 eu morro de medo disso/assalto em rua

(Estou desprezando os itens sabe e mesmo assim por serem simples

"enchimentos" (1) ).

As linhas 16-17 podem ser identificadas como uma conclusão do fragmento do discurso que corresponde ao desenvolvimento do tópico discursivo assalto e também do turno. A ocorrência do item olha, no início da linha 1, e a do item então, no início da 16, levam a identificar o fragmento acima como uma unidade discursiva, uma unidade de assunto. O item olha marca a introdução de um assunto novo e então é, neste contexto, um elemento conclusivo que marca o encerramento da unidade juntamente com a repetição da linha, a seqüência inicial da unidade.

A estrutura do fragmento acima assemelha-se muito ao que Garcia (1977: 192) define como parágrafo-padrão.

*"Em geral, o parágrafo-padrão, aquele de estrutura mais comum e mais eficaz, consta, sobretudo na dissertação e na descrição, de duas e ocasionalmente de três partes: a introdução, representada na maioria dos casos por um ou dois períodos curtos iniciais, em que se expressa de maneira sucinta a idéia-núcleo (é o que passaremos a chamar aqui por diante de tópico frasal); o desenvolvimento, isto é, a explanação mesma dessa idéia-núcleo; e a conclusão, mais rara, somente nos parágrafos pouco extensos ou naqueles em que a idéia central não apresenta maior complexidade."*

(Garcia, 1977: 192)

Garcia (1977) refere-se ao parágrafo em textos escritos; no entanto, é possível interpretar o fragmento (100), extraído de discurso, segundo a definição/caracterização acima. Temos nas linhas 1-2 uma síntese ou a apresentação da idéia central do texto, o que nos permite identificar a seqüência ali descrita como tópico frasal (segundo a definição de Garcia, 1977). Conforme já observamos, esta

(1) Enchimentos são itens algo assim como: assim, quer dizer, ou seja, em suma, que, etc.

seqüência constitui a introdução do texto.

O desenvolvimento corresponde às linhas 3 a 15 onde é apresentada uma descrição de uma situação típica de assalto. A conclusão, linhas 16 e 17, evidencia um dado interessante: trata-se da mesma seqüência que introduz o segmento e, conforme vimos, sintetiza a idéia núcleo. É através da repetição da seqüência inicial que o falante encerra a unidade de assunto, isto é, o parágrafo.

A correlação entre unidade de assunto e parágrafo parece adequada, pelo menos, nos termos definidos por Garcia (1977: 192).

Se mantivermos essa aproximação, poderemos estabelecer um paralelo entre textos falados e textos escritos no que se refere à estruturação de subunidades determinadas a partir do assunto. Garcia observa que a presença das três partes do parágrafo (introdução, desenvolvimento e conclusão) é relativamente rara. No corpus que analisei (cento e trinta minutos) encontrei 56 ocorrências de fragmento estruturalmente semelhantes a (100), isto é, fragmentos em que a presença de introdução, desenvolvimento, conclusão podia ser formalmente identificada. Tal fato sugere que em textos falados a ocorrência de "parágrafo-padrão" é bem mais freqüente que em textos escritos (1), já que a cada dois minutos e meio, aproximadamente, subunidades do texto são completadas.

---

(1) Aqui há um problema, relativo a registros. A afirmação de Garcia se refere a textos escritos em geral, não fazendo qualquer referência a variação de registros. Minha afirmação tem como base registro coloquial.

1.2.1.1. O Papel da Repetição

Os segmentos repetidos, como se pode ver em (126), marcam, respectivamente, o início e o encerramento da unidade de assunto. Ao ouvinte são oferecidas uma síntese inicial e uma síntese final, o que contribui para facilitar sua tarefa de apreender o essencial, a idéia-núcleo, do fragmento discursivo que acabou de ouvir.

As Repetições síntese são essencialmente redundantes, contribuindo assim para neutralizar os efeitos de desvios de atenção do ouvinte. No fragmento a seguir, o falante conclui a unidade de assunto parafraseando toda a unidade, e não só a seqüência inicial, como geralmente ocorre. Trata-se de um caso onde se tem um grau de redundância mais alto.

- (137)
1. a Fátima é incrível// é mesmo ...
  2. ele às vezes fica contando casos pra gente/
  3. de quando ela matava aula no colégio
  4. que ela estudava
  5. a gente chova de rir/né?/
  6. que ela é louca/ né?
  7. ela fica contando casos pra gente/
  8. a gente fica chorando de rir/
  9. a Fátima/nô/ ela é incrível/
  10. a Fátima é// (E 7 P 7)

As seqüências 7.10 são simplesmente uma paráfrase de 1-5. As seqüências 2 a 8 visam a explicitar as razões porque a afirmação a Fátima é incrível foi feita, essa seqüência manifesta a opinião do falante, podendo ser considerada o "tópico frasal" da unidade de assunto. As seqüências 2, 3, 4 e 5 descrevem fatos.

Em 7, 8 esses fatos são recontados, havendo alterações formais decorrentes da própria reintrodução dos mesmos elementos no

discurso: o nome casos reaparece como os casos marcado agora como informação dada (daí a presença do artigo definido). O verbo chora (linha 5) reaparece como fica chorando. A seqüência 9 é a repetição de 1, sendo que o item Fátima, que era tópico e sujeito em 1, é agora tópico e o pronome ela preenche a posição de sujeito. Tanto na linha 1 como em 9, há Repetição Reforço acompanhando a oração:

- (137) 1. a Fátima é incrível/ é mesmo  
9. a Fátima/ não/ ela é incrível/ a Fátima é

A Repetição Síntese funciona como arremate da unidade de assunto e assim informa ao interlocutor que o falante nada mais tem a declarar sobre aquele tópico discursivo (pelo menos, por enquanto). Essa parece ser uma função pragmática desempenhada pela Repetição Síntese: o interlocutor é avisado de que o falante chegou ao final e, portanto, pode tomar o turno.

1.2.1.2. Repetição Síntese e Repetição Reforço

A Repetição Síntese apresenta certos traços em comum com a Repetição Reforço, a saber:

- (a) a repetição recoloca em foco elementos semanticamente relevantes para a compreensão do que acaba de ser dito;
- (b) o segmento repetido, em certos casos, ocorre inicialmente inserido numa sentença e reaparece como um fragmento.

(128) professor que detesto é uma estagiária  
de matemática que vem aí  
tã dando aula pra gente agora/  
Ô meu Deus que sofrimento//  
detesto ela (E 21 P 5) (Rep. Síntese)

( 55) mas eu num gosto de medicina/  
detesto médico/ detesto (E 21 P 8)  
(Rep. Reforço)

A distinção entre estes dois tipos é funcional. A Repeti - ção Síntese ocorre no final de uma unidade de assunto e, assim , além de chamar a atenção do ouvinte sobre a informação que está sendo veiculada, ainda delimita a porção do discurso relativa àque le assunto. Formalmente, isso acarreta duas diferenças: (a) o mate\_ rial que se coloca entre as duas ocorrências do segmento repetido compõe-se de duas ou mais sentenças na Repetição Síntese, ao passo que na Repetição Reforço é constituído pelo restante da sentença onde a primeira ocorrência se insere. A presença desse material é obrigatório na primeira e opcional na segunda, pois há casos em que o último elemento é que é repetido (ver (118)). (b) A estrutu\_ ra sintática do segmento repetido varia. Na Repetição Síntese ge -

ralmente é uma sentença, já na Repetição Reforço é quase sempre um fragmento.

Estes fatores confirmam que o nível de atuação da Repetição Síntese é o discurso, e o da Repetição Reforço é a sentença.

#### 1.2.1.3. Sumário

Sob a denominação de Repetição Síntese estão os casos em que a repetição delimita unidades de assunto, isto é, segmentos do discurso onde um único tópico discursivo foi desenvolvido. Geralmente o segmento repetido corresponde a uma ou duas sentenças, podendo ser literal ou não.

A Repetição Síntese, por ser simplesmente redundante (i.e. não ser ponto de partida de novas seqüências), é de certo modo semelhante à Repetição Reforço, pois visa a ressaltar as informações mais importantes do segmento discursivo imediatamente anterior. O âmbito de atuação é que as distingue, sendo, respectivamente, a unidade de assunto e a sentença.

1.2.2. Repetição Atualizadora da Cena

Função: Recolocar em cena informações que auxiliam o ouvinte (e o falante) a recompor o fio central da narrativa.

- (129) E: aqui na sua casa como é que que vocês ...  
você e sua família comemoram as festas  
natal/aniversário/batizado?
- 1 I: ô natal a gente sempre vai pra casa de uma  
2 tia minha//  
3 a gente faz um almoço/sabe?/  
4 a gente nunca faz ceia não//  
5 a gente vai pra casa da minha tia/  
6 tem sempre almoço lá//  
7 I: assim a família da mamãe/sabe?/  
8 e a família do papai a gente vai pra casa  
9 da minha avó/ à tarde/ depois do almoço  
10 a gente vai pra lá//  
11 encontra todo mundo lá//  
12 páscoa/ normal/ sei lá//  
13 páscoa a gente não tem muito diferença não/  
14 natal também a gente sempre vai na missa//  
15 nós nunca deixamos de ir na missa//  
16 aqui em casa é assim  
17 todo domingo a gente vai na missa/sabe?//  
18 não é só católico de falar não//  
19 a gente vai mesmo//  
20 todo domingo a gente vai à missa//  
21 páscoa/ sei lá/ sabe?  
22 não tem uma comemoração assim pra páscoa não  
23 claro que a gente encontra/nê?/  
24 minha tia vem aqui/a gente vai na casa dela/sabe  
25 mas não tem nada de certo igual tem no natal//

A segunda ocorrência do segmento páscoa/sei lá marca a reintrodução do assunto comemoração da páscoa. O material que se coloca entre as duas ocorrências deste segmento corresponde ao desenvolvimento de outro assunto, ida à missa. A unidade de assunto referente a comemoração da páscoa foi interrompida e, através da repetição, é reiniciada e então desenvolvida.

O material que fragmenta esta unidade de assunto forma, por

sua vez, uma nova unidade, cujo assunto é ida à missa. A introdução do assunto novo não se deu abruptamente. O enunciado natal também a gente sempre vai na missa, seqüência 14, é um período de transição entre o assunto precedente (natal) e o assunto em andamento (páscoa). A informação ir à missa, que era simplesmente o ponto de contato entre os dois assuntos inicialmente colocados, transforma-se num assunto independente, que não se confunde com nenhum dos outros.

Em resumo, temos no fragmento (129) três unidades de assunto. A primeira se refere à comemoração do natal (linhas 1 a 11), a segunda ida à missa (linhas 14 a 20) e a terceira, comemoração da páscoa (linhas 12-13 e 22 a 25).

A seqüência inicial da unidade de assunto referente a natal (linhas 1-2) é uma construção de tipo SN tópico + sentença. A mesma construção reaparece quando a 3a. unidade de assunto é introduzida (linha 12 e linha 21). Estas seqüências funcionam como título informando ao ouvinte a mudança de assunto.

Na linha 12 o falante introduz o assunto páscoa, assinalando que tanto no natal quanto nessa festa é costume ir à missa, e se afasta do tópico discursivo já formalmente introduzido. Tal fato leva-o a "recolocar em cena" a seqüência enunciada anteriormente (linha 21 igual a 12) e daí prosseguir; é como se voltasse ao ponto de partida e percorresse o caminho já delineado pela explicitação do "título", isto é, do tópico.

A repetição do segmento páscoa/sei lá, acompanhado das paráfrases que correspondem ao comentário do tópico páscoa, se deve justamente à ausência de textura entre o tópico marcado e o material que o acompanhou. As seqüências descritas nas linhas 14-20 na

da têm a ver com as seqüências imediatamente precedentes, linhas 12-13. Por não ter sido comentado, o mesmo tópico foi reintroduzido em 21.

O fenômeno da reintrodução da mesma seqüência devido à afluência no discurso de informações que desviam do tópico discursivo em andamento aparece também nos seguintes enunciados:

(130) é essa turminha/  
sempre que bate  
eles fazem muita bagunça aqui/  
nessa pracinha que tem aqui//  
eles fazem muita bagunça/  
aí é um trem de doido e  
sempre bate polícia aí (E 5 P 13)

(61) o Sérgio explicava/sabe/  
de uma maneira que a gente entendia//  
conversava com a gente//  
e a que entrou é muito fechada/ sabe?//  
ela é assim mais velha/ muito brava//  
também ela dá aula em faculdade/  
também tá acostumada com faculdade/né?  
o Sérgio/ sei lá/ ele ficava conversando  
com a gente/ sabe?/  
parecia que ele era amigo da gente/  
não um professor (E 7 P 3)

em (130) o falante interrompe para explicar o item exofórico aqui e em (61) a interrupção se deve a comentários sobre um personagem diferente daquele que estava sendo comentado.

#### 1.2.2.1. O Papel da Repetição

As Repetições Atualizadoras de Cena contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar o texto ao aproximar as

partes que compõem cada unidade de assunto, eliminando digressões e informações não diretamente relacionadas à idéia central. Deste modo, contribui para articular o texto. Se suprimirmos a segunda ocorrência do segmento repetido, poderemos ver como o texto se torna desarticulado.

(129) § 18 não é só católico de falar não  
19 a gente vai mesmo  
20 todo domingo a gente vai à missa  
21 ø  
22 não tem uma comemoração assim pra páscoa não  
23 claro que a gente encontra/n?/

(130) § eles fazem muita bagunça aqui/  
nessa pracinha que tem aqui//  
ø aí é um trem de doido

(61) § ela é assim mais velha/muito brava//  
também ela dá aula em faculdade/  
também tá acostumada com faculdade/nê?  
ø  
parecia que ele era amigo da gente  
não um professor

Chafe (1980) descreve, a partir do ponto de vista processo de codificação, o fenômeno ocorrido em (129), (130) e (61), interpretando-o como uma perturbação na expressão de unidades discursivas relativas ao desenvolvimento de um "centro de interesse".

*"The pursuit of a side interest is similar, except that the initial interest is not interrupted but leads naturally into a side track which is concluded, at which point the speaker returns to the main track. For example:*

- [ 62 ] (a) and then he whistles at the boy at the bicycle  
(b) and... the boy on the bicycle s... stops  
(c) um... he was walking it at that time  
(d) he didn't he didn't ride it  
(e) and then um... he whistles out at him  
(f) and takes the hat back  
(g) to him

- (h) and in exchange
- (i) the boy gives him three pears

*Within the center of interest whose primary basis is the exchange of the hat and the pears, the focus on the boy in (b) leads to the side track which has to do with his bicycle. That track is concluded in (d). The speaker then returns to the main track in (e), where she reverbilizes the focus she began in (a), before continuing with the further events which are concluded in (i)."*

(Chafe, 1980: 34-35, com numeração e grifo meus)

Considerando, do mesmo modo que Chafe, que a unidade de assunto foi acrescida de "informações paralelas", seria interessante descrever que material é responsável pelo "adiamento" da conclusão da unidade de assunto em desenvolvimento. Em outras palavras, seria interessante definir, com base no assunto, o segmento que se interpõe entre as duas ocorrências da seqüência repetida.

A análise dos 51 casos de Repetição Atualizadora de Cena detectadas no corpus mostrou que o material presente entre as duas ocorrências do segmento repetido pode ser:

- (a) Manifestação da opinião do narrador no decorrer de uma descrição de eventos

(132) quando eu tava no primário/ quarto ano/  
eu li demais assim um livro por semana  
assim... ler demais pra mim/nê?//  
eu lia em média um livro por semana  
agora eu não leio nenhum (E 9 P 4)

- (b) Fala do interlocutor

(133) I: acho assim não tem nada a ver/ nê?//  
E: também querendo ser médica/nê?//

I: pra mim não tem nada a ver//  
as meninas daqui de casa morrem de medo  
(E 7 P 12)

(c) Alteração do foco narrativo

(134) ele achou que eu fiz pra machucar/  
mas nao foi nao/  
foi na brincadeira/ tal  
ele achou que eu dei pra machucar ele/  
aí veio e me acertou um chute/ (E 10 P 9)

(d) Alteração do tópico discursivo

(Ver exemplos (129) e (61))

(e) Especificação de termos como todo mundo, aqui, etc.

(135) foi a família toda no batizado//  
depois veio todo mundo pra casa/ sabe?/  
assim os amigos que tavam no batizado/  
veio todo mundo pra cá depois (E 7 P 10)

(f) Mudança de plano

(136) minha mãe vai montar uma loja/  
mas  
ela vai montar uma loja/  
agora talvez eu vá lá (E 9 P 4)

1.2.2.2. Repetição Atualizadora de Cena e Repetição  
Síntese

A Repetição Síntese caracteriza-se por apresentar, entre

as duas ocorrências do segmento repetido, duas ou mais sentenças. A correlação entre o assunto tratado pelo segmento repetido e o material que se coloca entre as duas seqüências permite interpretar a repetição como elemento que marca o encerramento das unidades de assunto, isto é, elemento que delimita subunidades do discurso em que apenas um tópico discursivo foi tratado. O material que se coloca entre os segmentos repetidos pode ser entendido como um comentário do assunto colocado inicialmente.

As Repetições Atualizadoras de Cena, por outro lado, não delimitam unidades de assunto, podendo ocorrer a qualquer momento no interior da unidade. Sua função é encadear as seqüências relativas ao mesmo tópico discursivo. O material compreendido entre as ocorrências da repetição refere-se a um tópico discursivo distinto daquele colocado inicialmente.

Nas Repetições Atualizadoras de Cena, a supressão da segunda ocorrência do segmento repetido torna o texto desarticulado. Tal fato mostra que estas repetições contribuem para dar "textura" ao discurso. Nas Repetições Síntese, a supressão não afeta a interpretação (compreensão) do texto.

#### 1.2.2.3. Repetição Atualizadora de Cena e Repetição Reconstituidora

Na Repetição Atualizadora de Cena, o falante repete para recompor uma unidade interrompida. Fenômeno semelhante ocorre em enunciados com Repetição Reconstituidora I, só que a unidade recons

tituída já não é uma unidade de assunto, mas uma sentença. Mesmo admitindo que o fenômeno seja único, a determinação de duas classes distintas, e não apenas uma, merece ser mantida porque uma das etapas do processamento do texto consiste no fatiamento das seqüências e sua decodificação pela memória de curto termo. Como se sabe, o ouvinte aplica estratégias sintáticas na determinação das fatias e as seqüências serão processadas mais rapidamente se forem mais canônicas. Assim, a reconstituição de tais estruturas contribui para facilitar o processamento numa etapa que, se for dificultada, poderá dificultar também a recodificação do texto como tal, senão impossibilitá-la.

Portanto, a distinção entre sentença (unidade gramatical) e unidade de assunto (unidade textual) é importante porque a classificação é funcional, sendo as diferentes funções baseadas no papel da repetição como recurso para minimizar a ação de fatores que dificultam o processamento nos diferentes níveis (ou estágios).

#### 1.2.2.4. Sumário

As Repetições Atualizadoras de Cena funcionam como elo entre os segmentos do discurso, reconstituindo unidades de assunto. Evidenciam um retorno a tópicos discursivos, já introduzidos, através de repetição de sentenças, na maioria dos casos. Estas repetições não visam necessariamente a enfatizar o segmento repetido, mas, antes de tudo, a fazer dele um meio de recompor o fio da narrativa. Após a repetição, novas informações são introduzidas, o falante repete para dar andamento no discurso.

2. REPETIÇÕES QUE NÃO CONTRIBUEM PARA FACILITAR A  
TAREFA DO OUVINTE

2.1. Repetição de Hesitação

Função: Fornecer um tempo extra enquanto o falante decide como continuar.

(86) e ela fica mais com ... com minha mãe/meu pai  
(E 9 P 10)

A repetição do item com manifesta hesitação do falante. Parece que este demorou a escolher os itens lexicais que dariam continuidade à seqüência. A reduplicação do item equivale à seguinte informação: "ainda estou com a palavra, não me interrompa". (Cf. Maclay e Osgood, 1967).

2.1.1. Realização do Segmento Repetido

O aspecto formal que funciona como pista para identificar a Repetição de Hesitação é a intonação. Há um retardamento da prolação, que simbolizei através de "...". e a intonação é nivelada. pode ainda haver outra realização formal, a saber: o falante enuncia muito depressa um fragmento e em seguida o repete numa velocidade normal, sem ênfase. Ambas ocorrências parecem evidenciar um descompasso entre codificação e realização verbal do segmento, por exemplo:

(138) a gente fi-fica (E 7 P 2) <sup>(1)</sup>

As Repetições de Hesitação correspondem ao tipo de ocorrências descritas como "Repeats" por Maclay e Osgood (1967). Conforme já observamos (Seção I.5), estas repetições caracterizam-se por

(a) serem semanticamente não significativas. A supressão da segunda ocorrência do item repetido não altera a interpretação semântica do enunciado.

(86) § e ela fica mais com... minha mãe/meu pai

(b) ocorrerem após a primeira palavra do sintagma, na maior parte dos casos, mas nunca no fim do enunciado.

(134) e a... e a ... que entrou é muito fechada (E 7 P 3)

(c) constituírem-se quase sempre de palavras gramaticais como preposições, artigos, etc.

(140) às vezes vai pra... pra discoteca (E 7 P 11)

As características (b) e (c) são decorrências de uma tendência a fazer Repetições de Hesitação em palavras de baixa carga informacional (pouco dinamismo comunicativo, na terminologia da Escola de Praga) que precedem imediatamente palavras de alta carga informacional (cf. Perini, 1980: 111).

---

(1) Simbolizei com hífen a presença deste fenômeno.

### 2.1.2. Sumário

Repetições de Hesitação são aquelas que visam a ocupar o canal enquanto o falante decide como codificar em forma lingüística o que vai dizer. O segmento repetido é formado por itens que precedem palavras de carga informacional mais alta. Este tipo de repetição não tem qualquer força enfática.

Para o ouvinte, estas ocorrências podem até dificultar a decodificação das seqüências, porque o retardamento na complementação da fatia de informação pode dificultar o trabalho da memória de curto termo, já que tempo é um dos fatores que controlam sua atividade.

## 2.2. Repetição Intensificadora

Função: Intensificar aspectos semânticos do item repetido.

(84) uma menina linda linda linda (E 7 P 10)

A repetição do adjetivo linda equivale a uma construção com advérbio de intensidade, podendo ser parafraseada como

(84) § uma menina muito linda

Trata-se, portanto, de uma repetição semanticamente significativa, uma vez que a supressão da segunda ocorrência do segmento repetido altera a interpretação semântica da seqüência.

(84) §§ uma menina linda

A seqüência (84) §§ já não é uma paráfrase de (84) §, nem de (84).

### 2.2.1. O Segmento Repetido

O efeito semântico da reduplicação do item varia conforme a classe gramatical a que o item pertence. Quando adjetivos ou advérbios ou mesmo locuções adverbiais são repetidos, a repetição implica intensificação, como em

(141) no fundo no fundo é muito bom colégio assim ser rígi-  
do (E 5 P 3)

Quando verbos são repetidos, a repetição implica continuidade ou repetição do processo.

(142) era entrar entrar entrar  
aí nunca entrava (E 5 P 6)

Kotsinas (1980) prefere agrupar em classes diferentes repetições de verbos, e de adjetivos e advérbios, atribuindo-lhes funções distintas (ver seção 3.2, Cap. I). Parece-me, no entanto, que não há diferença funcional entre as repetições nos enunciados (84) e (142), por exemplo, pois o mesmo processo — reduplicação do item — tem como resultado a intensificação de aspectos semânticos daquele item, aspectos que se manifestam em grau nos adjetivos, e em duração ou iteração nos verbos.

As Repetições Intensificadoras ocorrem tanto em textos falados como em textos escritos, sem causar estranheza, já tendo sido inclusive detectadas e descritas por estilistas e gramáticos tradicionais. Por não se tratar de repetições peculiares ao estilo falado e não manifestarem ação do mecanismo que facilita a decodificação de enunciados<sup>(1)</sup>, não me deterei a comentar com mais detalhe estas repetições.<sup>(2)</sup>

---

(1) Esta repetição não é redundante. Se o ouvinte não estiver atento à reduplicação, tal fato afetará a interpretação da seqüência.

(2) Persson (1974) estuda com detalhe este tipo de repetição, identificando-o como "Intensifying Repetition".

2.2.2. Repetição Intensificadora e Repetição Reforço

As Repetições Intensificadoras são sempre contíguas, já as Repetições Reforço geralmente não são, exceto nos casos em que o item enfatizado é o último da sentença (ver exemplo (122)). Mesmo quando contíguas, as duas não se confundem.

Comparemos os enunciados abaixo onde temos, respectivamente, Repetição Reforço e Repetição Intensificadora.

[145] ela é loura//loura

[146] ela é loura loura

Em [145] a pausa e a intonação fazem com que os segmentos repetidos se coloquem em grupos tonais distintos e a segunda ocorrência receba acento contrastivo. Em [146] as duas ocorrências formam um único grupo tonal. Se se acrescentar um comentário a cada uma das seqüências, sua distinção ficará mais evidente: o comentário vai se referir a apenas um dos itens em [145] e aos dois juntos em [146].

[145] § ela é loura// loura mas não muito loura

[146] § ela é loura loura// mas não muito loura

O comentário mas não muito loura restringe certos traços semânticos do item repetido e isso não torna estranha a seqüência [145], já que a força contrastiva atribuída ao item prepara de certo modo para possíveis restrições. Já em [146], este comentário torna a seqüência agramatical, pois a reduplicação intensifica certos as -

pectos semânticos e o comentário os restringe. Como se pode ver, é quanto ao significado da reduplicação que a Repetição Intensificadora se distingue da Repetição Reforço.

Seria interessante ressaltar que a intensificação de traços semânticos pode ser obtida através de outros recursos e não apenas da reduplicação. Pode-se obter o mesmo efeito com o acréscimo de um advérbio ou mesmo de uma Repetição Distribuidora cujo comentário fornece elementos para intensificar o item repetido, e não restringi-lo, como em [146] §. O exemplo [147] pode ser também uma paráfrase de [145] e [145] §.

[147] ela é loura// loura demais da conta

### 2.2.3. Sumário

As Repetições Intensificadoras, conforme vimos, têm a função de intensificar aspectos semânticos do item repetido. Trata-se de um recurso enfático e é pouco freqüente no estilo falado (cf. tabelas 1-3).

O segmento repetido pode ser um advérbio, um adjetivo ou verbo. A repetição não contribui para facilitar a tarefa do ouvinte, pois as duas ocorrências requerem igual atenção. Caso limitações de desempenho, como falhas de atenção, impeçam o ouvinte de "ouvir" uma das ocorrências, a seqüência terá seu significado alterado. O mesmo já não ocorre com a Repetição Reforço; nessa a repe-

tição não acrescenta informação nova, apenas reitera (reafirma) o que acaba de ser dito, mantendo inclusive o caráter dubitativo , interrogativo, assertivo, etc. do enunciado.

## CONCLUSÃO

A ocorrência de repetições, embora responsável em grande parte pelo aspecto aparentemente caótico do texto falado, não se dá aleatoriamente, mas segundo padrões definidos funcionalmente e, até certo ponto, formalmente.

A aparente irregularidade das repetições é resultado da reestruturação constante que caracteriza o discurso: períodos são iniciados e interrompidos, podendo permanecer inacabados ou ser reconstituídos, isto é, reiniciados e completados. Qualquer item pode ser repetido com o objetivo de se tornar o ponto de partida de novas sequências. Períodos inteiros são repetidos com a função de recompor o fio central da narrativa ou simplesmente reiterar informações consideradas mais importantes no fragmento imediatamente anterior.

A reestruturação não é aleatória: é guiada por uma espécie de "mecanismo de facilitação" que atua no nível sintático também, mas, principalmente, no nível textual. Talvez esse mecanismo seja universal, e não específico a uma ou outra língua, conforme sugerem as semelhanças encontradas em estudos de repetições no sueco falado por imigrantes, no inglês e no português. É provável que as reestruturações visem a minimizar os efeitos de fatores que dificultam a tarefa de processar enunciados, devido a limitações de memória, falhas de atenção, etc., enfim, às limitações de desempenho do falante e/ou do ouvinte.

A ação desse mecanismo facilitador é responsável, em parte, pelo tipo de estruturação discursiva que define um texto como fala-

do, diferenciando-o do texto escrito. O reconhecimento desse conjunto de traços parece ter aplicação no ensino da redação e da leitura. A descrição dos tipos de repetição no estilo falado pode informar sobre os modos de encadear as seqüências do texto, possibilitando a definição de recursos que dão textura às seqüências do discurso.

No ensino de redação, problemas (erros) relativos à distribuição de informações no parágrafo e no período (reconhecidos como "fragmentação de idéias" e "acúmulo de informações") podem ser reinterpretados se revistos a partir da comparação com os recursos típicos da fala. É possível que estes erros sejam resultado da aplicação de regras do estilo falado no texto escrito, isto é, é provável que o aluno esteja "escrevendo à maneira falada".

### Interpretação das Classes

As ocorrências de repetição foram agrupadas em oito classes, conforme a função comunicativa desempenhada no discurso. As classes podem ser consideradas como um conjunto de traços, sendo alguns traços comuns a diversas classes. Por exemplo, denotar ênfase é uma característica da Repetição Reforço e da Repetição Síntese, encadear seqüências é por sua vez comum à Repetição Reconstituidora I, à Atualizadora de Cena e à Distribuidora. As características das classes, portanto, não são mutuamente exclusivas, o que não invalida a distinção em classes funcionais. Cada classe deve ser entendida como definida por um conjunto de traços funcional e formalmente definido. Na delimitação das classes, foi tomado aqui como ponto de referência o processo de estruturação das repetições: se o falan

te repete para reconstituir um período já iniciado, ou se repete para iniciar um novo período, ou se repete apenas para reiterar uma informação anterior. É possível, no entanto, reagrupar as diferentes ocorrências, tomando-se como critério o efeito semântico da duplicação das seqüências, isto é, o resultado da repetição e não o processo.

A intensificação de aspectos semânticos, por exemplo, pode ser obtida através de diferentes recursos, dentre os quais as repetições denominadas Intensificadoras e um subgrupo das Distribuidoras, conforme tentei mostrar na Seção 3.2, Cap. III. A classificação a partir do resultado semântico ou mesmo da limitação de desempenho do falante que causou a repetição pode permitir outros arranjos.

O presente estudo é preliminar e há muito o que investigar neste campo, podendo inclusive ser revistos os critérios formais utilizados na identificação das classes. Parece-me que o estudo internacional das repetições pode fornecer um conjunto de traços capaz de identificar a maioria das classes, senão todas elas. Outro fenômeno que pede explicações diz respeito à ocorrência de sujeito pronominal em contextos onde a elipse parece mais adequada: "ela disse que ela tinha de fazer entrevista/ela nunca achava uma pessoa". Parece que as regras de supressão do sujeito pronominal que atuam na escrita não atuam, na fala, de modo semelhante. Mesmo a ocorrência de pronomes em outras posições geram seqüências de certo modo estranhas, devido ao alto grau de redundância, como em: "o pai dela falava com ela que ela devia estar em casa onze e meia".

Finalmente seria oportuno salientar um problema relativo à concatenação das orações: o uso pouco freqüente e muitas vezes ina-

dequado de conectivos oracionais. Na maioria das sentenças, as orações se acham justapostas, deixando implícita a correlação sintática. Parece haver certa relação entre a estruturação paratática dos períodos e a preferência por encadear as seqüências através de recursos lexicais, em vez de recursos sintáticos. Os dados parecem sugerir que a coesão textual (nos termos de Halliday e Hasan, 1976) efetiva-se no texto falado através de elementos lexicais (como repetições), ao passo que a escrita o faz preferencialmente através de elementos gramaticais. Esse é um assunto sobre o qual muito ainda está por conhecer.

APÊNDICE

Nas páginas a seguir encontram-se quadros referentes a:

- (a) Listagem das notações utilizadas no decorrer deste trabalho;
- (b) Quatro tabelas onde está registrado o levantamento numérico e estatístico das repetições estudadas:
  - Tabela 1: Ocorrência numérica dos tipos e subtipos de repetição;
  - Tabela 2: Porcentagem total de cada subtipo no "corpus" e xaminado;
  - Tabela 3: Porcentagem total de ocorrências por subtipo em cada entrevista;
  - Tabela 4: Número de ocorrências por tipo, e porcentagem.

NOTAÇÃO

As seguintes convenções foram adotadas no decorrer deste trabalho:

- [ ] = Enunciados não pertencentes ao corpus que serviu de base para o presente estudo.
- [ ]§ = Versão simplificada do enunciado citado, com supressão do item repetido, ou paráfrase.
- ( ) = Enunciado original extraído do corpus analisado.
- ( )§ = Versão simplificada do enunciado original.
- / = Pausa com intonação de vírgula em limite sintático.
- // = Pausa com intonação de final de sentença em limite sintático.
- E9 = Número da entrevista.
- P9 = Página da transcrição da entrevista.
- = Repetição imediata e muito rápida do mesmo item.
- ... = Intonação nivelada com alongamento da prolação.

TABELA 1

Ocorrência numérica dos tipos e subtipos de repetição.

Entrevista	Duração	Tipo 1							Tipo 2				
		Rec.1	Rec.2	Distr.	Reforço	Síntese	At.Cena	Hesit.	Intens.	Subtotal	Resíduo	Total	
E 05	15	10	08	35	12	7	05	13	02	095	04	097	
E 07	40	09	21	61	16	23	29	08	00	167	21	188	
E 09	15	11	06	15	06	08	04	13	03	66	09	078	
E 10	15	03	05	14	03	01	04	08	02	40	11	051	
E 21	15	02	06	10	04	06	02	11	00	41	02	043	
E 22	15	18	06	19	05	02	02	20	00	70	05	075	
E 23	15	04	07	23	07	09	05	11	00	66	00	066	
TOTAL	130	57	39	178	51	56	51	84	07	543	50	593	

TABELA 2

Porcentagem total de ocorrências de cada subtipo no corpus examinado

-133-

Subtipos	Rec.1	Rec.2	Distr.	Reforço	Síntese	At.Cena	Hesit.	Intens.	Resíduo	Total
Nº de ocorrências	57	59	178	51	56	51	84	07	50	593
Porcentagem	9,6%	10%	30%	8,6%	9,45%	8,6%	14,1%	1,2%	8,45%	

TABELA 3

Porcentagem total de ocorrências por subtipo em cada entrevista

Entrevista	Tipo 1						Tipo 2			Resíduo
	Rec.1	Rec.2	Distr.	Reforço	Síntese	At.Cena	Hesit.	Intens.		
E 05	10,3	8,3	37,2	12,4	7,2	5,1	13,4	2	4,1	
E 07	4,7	11,2	32,4	8,5	12,2	15,4	4,2	0	11,2	
E 09	14,1	7,7	19,2	7,7	10,4	5,2	16,6	3,8	15,3	
E 10	5,9	9,8	27,4	5,9	2	7,8	15,7	3,9	21,6	
E 21	4,6	14	23,3	9,3	14	4,6	25,6	0	4,6	
E 22	25,1	8,1	26	4,1	2,7	2,7	27,4	0	4,1	
E 23	6	10,6	34,9	10,6	13,6	7,6	16,7	0	0	

TABELA 4

Número de ocorrências por tipo, e porcentagem

Repetições do tipo 1	452	76,25%
Repetições do tipo 2	91	15,3%
Resíduo	50	8,45%

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, L.S., MARTIM, E.G. & CHIARI, B.M (1981) "Fenômenos de Pausa e Hesitação em Língua Portuguesa" in Anais do IV Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, PUCRJ.
- CLARK, H.H. & CLARK, E.V. (1977) Psychology and Language. New York, Harcourt, Brace & Jovanovich.
- CHAFE, W. (1976) "Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View" in LI, C. & THOMPSON, S. Subject and Topic. New York, Academic Press.
- \_\_\_\_\_ (1980) "The Deployment of Consciousness in the Production of a Narrative" in The Pear Stories, New Jersey, ALEX Publishing Corporation.
- FODOR, J.A., BEVER, T.G. & GARRETT, M.F. (1974) The Psychology of Language. New York, McGraw-Hill.
- GARCIA, O.M. (1977) Comunicação em Prosa Moderna. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. (1976) Cohesion in English. London, Longman.
- KOTSINAS, U.B. (1980) "Repetition in Immigrant Swedish". University of Stockholm, Sweden.
- LIBERATO, Y.G. (1980) Sobre a Oposição Dado/Novo. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado.
- MACLAY, H. & OSGOOD, C.H. (1967) "Hesitational Phenomena in Spontaneous English Speech" in JAKOBOVITS, L.A. & MIRON, M.S.

Readings in the Psychology of Language, Prentice-Hall, Englewood Cliffs.

MAGRO, M.C. (1979) O Emprego de Advérbios como Variável Sociolinguística. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado.

PERINI, M.A. (1980) "O Papel da Repetição no Reconhecimento de Sentenças" in Ensaio de Lingüística, Belo Horizonte, UFMG.

PERSSON, G. (1974) Repetition in English. Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis.

PONTES, E.S.L. (1981) "Construções de Tópico em Língua Escrita" in Ensaio de Lingüística, Belo Horizonte, UFMG

\_\_\_\_\_ "Da Importância do Tópico em Português" in Anais do V Encontro Nacional de Lingüística, Rio de Janeiro, PUC

SCHALLERT, D.L., KLEIMAN, G.M & RUBIN, A.D. (1977) "Analyses of Differences Between Written and Oral Language". Urbana, University of Illinois.